



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS
Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos

ARISSANA BRAZ BOMFIM DE SOUZA

ARTE E IDENTIDADE: ADORNOS CORPORAIS PATAXÓ

SALVADOR - BA
JULHO - 2012



ARISSANA BRAZ BOMFIM DE SOUZA

ARTE E IDENTIDADE: ADORNOS CORPORAIS PATAXÓ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos [Centro de Estudos Afro-Orientais], Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Rosário de Carvalho

Co-orientadora: Prof. Dra. América Lúcia César

SALVADOR - BA

JULHO - 2012

ARISSANA BRAZ BOMFIM DE SOUZA

ARTE E IDENTIDADE: ADORNOS CORPORAIS PATAXÓ

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Estudos Étnicos e Africanos.

Salvador /BA, 30/07/ 2012

Banca examinadora:

Professora Doutora Maria Rosário G. de Carvalho
Orientadora

Professora Doutora América Lúcia Silva César
Co-orientadora

Professora Doutora Maria Nazaré Mota de Lima
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao meu Deus, por ter me dado forças e me conduzido em todos os momentos dessa caminhada.

Ao meu esposo, Jussimar, por estar sempre ao meu lado. Assim, pude dividir com ele as minhas conversas sobre o trabalho de campo, as minhas angústias na escrita deste trabalho e as minhas alegrias, compartilhando os momentos de descontração.

À minha mãe, Meruka, que, mesmo sem ter frequentado escola, sempre se esforçou para que tivéssemos essa oportunidade. E mesmo estando na maioria do tempo distante, nos acompanhou nessa árdua trajetória acadêmica.

A meu pai, Wilson, pelas inúmeras conversas esclarecedoras sobre o povo Pataxó, por ter me apresentado e me acompanhado durante algumas entrevistas e ser fundamental na minha trajetória como pesquisadora do meu próprio povo.

À minha irmã Anari, por compartilharmos juntas as viagens a campo, as conversas sobre o Povo Pataxó e as discussões na escrita desse trabalho.

À professora Maria Rosário pela paciência, por ter acreditado em meu trabalho, pela liberdade que me deu para escrever, mas sempre orientando-me, corrigindo-me, esclarecendo as constantes dúvidas.

À professora América que, como uma mãe, me acolheu e sempre com uma profunda disposição em ajudar, esclarecendo constantemente as minhas angústias, e contribuindo de forma significativa para o resultado deste trabalho.

A todos da equipe do Núcleo Yby Yara - Observatório da Educação Escolar Indígena Bahia- que sempre nos apoiaram nessa caminhada. A Gleide e Jessé pela contribuição nas transcrições de algumas entrevistas.

Não poderia deixar de agradecer às professoras Erimita Mota e Suzane Costa por terem me

acompanhado na visita a algumas aldeias Pataxó.

Aos “amigos de Salvador” que nos acompanharam durante toda a trajetória acadêmica, desde a graduação nos dando sempre o apoio necessário nas horas difíceis: Ana Cláudia, Marta, Jurema, Sara, prof^o Pedro Agostinho, prof^o Guga, dentre outros que já foram citados.

Às professoras Maria Hilda Paraíso e Elizabete Actis pelo empenho, desde o início da minha trajetória acadêmica, em me ingressarem na pesquisa e por terem contribuído de forma significativa nos primeiros esboços do meu projeto de pesquisa para o mestrado.

Aos colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, pelas reflexões em sala e empréstimos bibliográficos, fontes fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos estudantes indígenas da UFBA que, mesmo atarefados com seus estudos, nos acompanharam de perto nesse percurso, sempre nos dando a maior força.

Para finalizar, agradeço ao meu povo, Pataxó, pois sem a ajuda destes, essa pesquisa não seria possível: aos mais velhos que se dispuseram a compartilhar um pouco de suas vidas, e pacientemente ouviram e responderam às minhas perguntas; aos caciques que se dispuseram sempre a ajudar-me com informações importantes. Aos professores Pataxó pelas importantes contribuições nas entrevistas; e aos meus parentes, primos, primas, tios, tias que me acolheram em seus kijeme, sempre com muito afeto. Por fim, a todos os Pataxó que, direta ou indiretamente, contribuíram para esta dissertação.

*Faço masaká com matapasso.
Faço masaká com maui.
Faço masaká com buzo
E também com pacari
A corda é de tucum,
De tucum mirim.
Faço masaká baixu,
Que também serve pra mim.
Depois eu vou vender
E pego kaiambá
Pra comprar tupisay
E depois vou hamiá.
Aqui na minha aldeia eu quero é hamiá
Com ãhé baixu e jokana baiká.
Hameia ãhé, ãhé baixu
Hameia kitok com seu bajau.*

Música Pataxó

RESUMO

Esta dissertação é fruto de uma pesquisa etnográfica, realizada entre 2010 e 2012, junto ao povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia, em diferentes aldeias nos municípios de Prado, Itamaraju, Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália, com o fim de descrever os adereços Pataxó, sua produção e uso, refletindo sobre sua relação com a identidade e história deste povo. “Adereços” é a denominação que os Pataxó utilizam para definir os diferentes adornos para enfeitar o corpo. Os adereços Pataxó, especialmente ao longo dos últimos anos, apresentam uma significativa dinâmica cultural, aparentemente até uma mudança radical. Entretanto, são pautados em conhecimentos passados pelos mais velhos, revelados através da memória oral e expressos na composição de cada peça. Dada a riqueza e diversidade do conjunto de adereços Pataxó, foi necessário fazer um recorte, colocando o foco nos cocares, nas tangas e colares, dentre alguns outros objetos. Na pesquisa de campo foram entrevistados anciãos e demais membros do povo Pataxó, além de realizada observação participante no decorrer dos jogos indígenas e outros eventos. Foi realizada também pesquisa documental, em teses e dissertações, relatos de viajantes e outros documentos históricos. Torna-se evidente que os adereços Pataxó são a constituição de um processo que está intimamente relacionado com a identidade Pataxó, que se faz presente na maneira como se aprende e se ensina; no modo como são produzidos; e na matéria-prima utilizada, o que demonstra forte ligação com seu território. Desse modo, a identidade Pataxó é revelada na relação entre os indivíduos e os objetos, num processo complexo que entrecruza o passado e o presente, numa dinâmica contínua.

Palavras-chave: adornos corporais, identidade Pataxó, memória.

ABSTRACT

This dissertation is the result of ethnographic research, conducted between 2010 and 2012, with the Pataxó people of the Extreme South of Bahia, in different villages in the municipalities of Prado, Itamaraju, Porto Seguro and Santa Cabrália, with the objective to describe Pataxó decorations, their production and use reflecting on the identity and history of these people. “*Adereços*” is the name that the Pataxó use to define the different adornments that decorate the body. The Pataxó decorations, throughout recent years, present a dynamic culture, apparently even a radical change, but are based on knowledge passed on by the older ones, revealed through oral memory, and are expressed in the composition of each piece. Given the richness and diversity of the Pataxó collection of decorations, it was necessary to make a limit, putting a focus on headdresses, loincloths and necklaces, among other objects. In field research elders and other members of the Pataxó people were interviewed, in addition to participant observation in indigenous games and other events. Documentary research was carried out as well, in theses and dissertations, traveler’s accounts and other historical documents. It is evident that Pataxó decorations are the foundation of a process that is intimately related to the Pataxó identity, which is present in the manner they are learnt and taught; in the way they are produced, in the raw material used to demonstrate strong linkages with territory. Thereby, the Pataxó identity is revealed in the relation between individuals and objects, in a complex process where the past and the present meet, in a continuous dynamic.

Keywords: body adornments, Pataxó identity, memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Seu Manuel e Dona Rosa, Aldeia Águas Bela, 2010.

FIGURA 2: Antônio Braz , Aldeia Barra Velha, 2010.

FIGURA 3: Dona Izabel, Aldeia Coroa Vermelha , 2011.

FIGURA 4: Dona Alexandrina, Aldeia Coroa Vermelha , 2010.

FIGURA 5: Antônio Máximo, Aldeia Pequi, 2011.

FIGURA 6: Dona Zabelê, Aldeia Tibá, 2010.

FIGURA 7: Seu Manuel Santana, Aldeia Boca da Mata, 2011.

FIGURA 8: Barra Velha, década de 1980.

FIGURA 9: Jogos Pataxó, Aldeia Coroa Vermelha, 2010.

FIGURA 10: Aldeia Barra Velha, década de 1980.

FIGURA 11: Jogos Pataxó, Aldeia Coroa Vermelha, 2010.

FIGURA 12: Criança Pataxó, Jogos Pataxó, Aldeia Coroa Vermelha, 2010.

FIGURA 13: Jovem Pataxó, Jogos Pataxó Coroa Vermelha, 2012.

FIGURA 14: Equipe participante dos Jogos Pataxó, Aldeia Coroa Vermelha, 2010.

FIGURA 15: Cocar Pataxó feito de taboa, Jogos Pataxó, Aldeia Coroa Vermelha, 2010.

FIGURA 16: Aratibaia com cocar de taboa, Aldeia Coroa Vermelha, 2011.

FIGURA 17: Loja do Parque Indígena, Aldeia Coroa Vermelha, 2011.

FIGURA 18: Tanga de biriba ou estopa, 2012.

FIGURA 19: Tanga de taboa exposta para venda, 2011.

FIGURA 20: Pataxó da Aldeia Coroa Vermelha durante Jogos Indígenas Nacionais, em Tocantins, 2011.

FIGURA 21: Pataxó durante Jogos Indígenas Nacionais, em Tocantins, 2011.

FIGURA 22: Pataxó da Aldeia Pé do Monte, durante Jogos Indígenas Nacionais em Tocantins, 2011.

FIGURA 23: Oiti usa cocar de taboa, Jogos Pataxó, Aldeia Coroa Vermelha, 2010.

FIGURA 24: Cocar de taboa, Jogos Pataxó, Aldeia Coroa Vermelha, 2012.

FIGURA 25: Pedro usa cocar que tem aberturas entre as penas, feito por Gilson, 2012.

FIGURA 26: Jovem Pataxó durante participação dos Jogos Indígenas Nacionais, em Tocantins, 2011.

FIGURA 27: Jovem Pataxó durante desfile da *ihé baixú*, nos Jogos Pataxó, Aldeia Coroa Vermelha, 2012.

FIGURA 28: Jovem Pataxó usa cocar de taboa, durante desfile da *ihé baixú*, nos Jogos Pataxó, Aldeia Coroa Vermelha, 2012.

FIGURA 29: Meruka Pataxó, durante participação nos Jogos Indígenas Nacionais, em Tocantins, 2011.

FIGURA 30: Mulher Pataxó, Jogos Pataxó, Aldeia Coroa Vermelha, 2010.

FIGURA 31: Núbia, Jogos Pataxó, Aldeia Coroa Vermelha, 2010.

FIGURA 32: Dona Zabelê durante semana pedagógica dos professores em Cumuruxatiba, 2011.

FIGURA 33: Colares Pataxó feitos de diversas sementes e expostos em uma mesa para venda, 2011.

FIGURA 34: Colar Pataxó que envolve o pescoço e passa debaixo dos braços, 2012.

FIGURA 35: Colar Pataxó feito de tento, usado por uma mulher, 2012.

FIGURA 36: Colar Pataxó feito de tento, usado por um homem, 2012.

FIGURA 37: Cinto feito de sementes(tento ou pau-brasil como alguns denominam), 2012.

FIGURA 38: - Cinto feito com a trança do aricuri, enfeitado com sementes e penas. Detalhes de piaçava, 2012.

FIGURA 39: sementes (tento e milagre)com detalhes de coco nas pontas, 2012

FIGURA 40: cinto feito com fios de lã, 2012

FIGURA 41: Jovens Pataxó usa durante a festa do Araguaksã, Reserva da Jaqueira, 2010.

FIGURA 42: Jovens Pataxó durante a festa do Araguaksã, Reserva da Jaqueira, 2010.

LISTA DE ABREVIATURAS

IBDF – Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal

PINEB – Programa de Pesquisas sobre os Povos Indígenas do Nordeste Brasileiro

PNMP – Parque Nacional do Monte Pascoal

SEDUR – Secretaria de Desenvolvimento Urbano

UFBA – Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 “PO PATAXÓ FICOU E PO PATAXÓ NÓS VAMO MORRER”	16
1.1 Os mais velhos	17
1.2 “Os tapuios vão chegar”	21
1.3 Nossa história: nossa memória	26
1.4 E a vida dos Pataxó continua	31
1.5 Produção de antigamente	32
1.6 Relatos dos mais velhos sobre o uso dos adornos	38
1.7 Por que para falar de assuntos tão atuais seria necessário voltar ao passado?	41
2 ADEREÇOS PATAXÓ HOJE	42
2.1 Mudanças e povos indígenas	43
2.2 Dinâmica nos adereços Pataxó.....	46
2.3 Os adereços nos Jogos Indígenas Pataxó de Coroa Vermelha.....	53
2.4 O uso dos adereços Pataxó	59
3: “A ARANHA VIVE DO QUE TECE”	66
3.1“ Pra gente nunca esquecer o que nossos pais deixaro...”	67
3.2 Quais adereços são feitos pelos Pataxó?	69
3.3 Quem produz os adereços?	75
3.4 Matérias-primas usadas	77
3.5 Como é feito?	81
3.6 Uma teia que se tece	82
3.7 Comercialização dos adereços	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICES	

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação apresento pesquisa etnográfica sobre a arte Pataxó, com foco nos adereços, realizada no período de 2010 a 2012, nas aldeias Pataxó do Extremo Sul da Bahia. Nela, procuro descrever os adereços, sua produção e uso na atualidade, tentando compreender o processo da sua constituição com um olhar direcionado para a memória e história do povo Pataxó. Pretendo, acima de tudo, mostrar que os adereços usados atualmente pelo povo Pataxó não são fruto de um agenciamento político externo, nem de uma tradição inventada a partir do turismo, mas uma prática que veio até o presente, passando de geração a geração, num processo contínuo de inovações, mudanças, agregações, mas tendo sempre como referência o passado, a memória e o conhecimento adquirido pelos mais jovens, com os mais velhos, seus pais e familiares.

Embora tenha como título “arte e identidade: adornos corporais Pataxó”, não entrarei, aqui, no mérito de discutir o que é ou não é arte, pois esse não é o foco desta pesquisa, no entanto desde já defino como arte as diferentes expressões que os Pataxó produzem, embora pouco importe para os Pataxó o que este termo “arte” queira significar. Interessa mostrar que a arte produzida pelos Pataxó, povo do qual faço parte, está implicada com sua identidade étnica. No caso dos adereços, objetos que carregam sobre si o peso de um modo próprio e específico de vida de uma sociedade, isso é bastante visível no modo de fazer, de ensinar, de extrair a matéria prima e de produzir os adereços. A identidade de que falo, aqui, não é a dos indivíduos, como algo subjetivo, inato, ou imutável, mas é a que se revela na relação entre indivíduos e objetos, ou seja, como construção sociocultural e política, que está sempre em transformação (Hall, 2000).

O contexto do passado nos mostra essa afinidade que os Pataxó, desde a época dos antigos, têm com a natureza, com o ambiente e com o território que, por muitos séculos, já habitam, pois conhecem cada planta, cada cipó, cada palmeira, cada árvore que pertence à região em que sempre viveram. Isso propicia que as identifiquem por seus nomes, tendo cada uma delas sua função e utilidade na produção dos adereços. Meu objetivo, nessa discussão, não é encaixar a produção do povo Pataxó em nenhuma categoria, mas mostrar como a identidade pataxó se faz presente em todos os momentos e movimentos no que se refere aos adereços por eles produzidos, pois trazem características que são próprias do povo Pataxó, que não são

visíveis apenas no adereço pronto e no corpo do indivíduo, mas em todo o processo de produção, extração da matéria prima e circulação. “São objetos que condensam ações, relações, emoções e sentidos” pois são através deles “que as pessoas agem, se relacionam, se produzem e existem no mundo” (LAGROU, 2010,p.2).

Por isso, a metáfora que trago para a compreensão sobre os adereços Pataxó é a da grande árvore conhecida pelos Pataxó como Juerana. Vi essa grande árvore lá na aldeia Pé do Monte. O cacique da aldeia Pé do Monte, Arassari, também conhecido como Braga, nos contou que a Juerana, ao longo da sua trajetória de vida, se renova, pois, ao engrossar o seu tronco para ficar mais forte, ela vai rachando as cascas que cobrem o seu trono e uma nova casca vai surgindo, bem mais nova, ou seja, à medida que cresce e engrossa, ela refaz a sua casca. Assim a Juerana vai se desenvolvendo, se renovando a cada novo tempo, firmada em uma única raiz. Assim também são os Pataxó e seus adereços, eles vão se modificando, não de fora pra dentro, mas de dentro pra fora, firmados em uma tradição passada de geração à geração, um grande tronco que vem crescendo, apoiado em uma única raiz: Pataxó.

Meu interesse em escrever e pesquisar sobre a arte Pataxó começou na graduação, em 2005, quando cursei a disciplina *História da Arte Brasileira* e percebi a escassez de registros sobre a arte indígena, principalmente sobre os povos na Bahia. Ao trabalhar como bolsista do projeto Permanecer¹, no curso de Magistério Indígena², nos módulos de arte e linguagem, comecei, juntamente com os professores indígenas, a elaborar o livro de arte Pataxó, agregando textos sobre os diversos objetos produzidos pelos Pataxó³. A partir de então meu interesse só cresceu e, percebendo ser um tema tão amplo, resolvi delimitá-lo para a dissertação, que trata apenas dos adereços usados pelos Pataxó. E, ingressando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, em 2010, dei início à pesquisa.

Para a realização da pesquisa, mesmo sendo uma “pesquisadora de dentro”, realizei uma extensa pesquisa de campo. Contribuí, para isso, a minha participação como pesquisadora no Projeto SEDUR-UFBA⁴, no Projeto de Narrativas Oraís Pataxó⁵ e, principalmente, como

¹ Projeto que visa a permanência de estudantes nas universidades públicas através de uma bolsa de pesquisa.

² Curso oferecido pela Secretaria de Educação ao professores indígena da Bahia.

³ Tive a oportunidade de acompanhar a professora América César nos módulos de Arte e Linguagem, o que permitiu a produção desse livro que falta apenas patrocínio para ser publicado.

⁴ Projeto da Secretaria de Desenvolvimento Urbano em parceria com o PINEB-UFBA.

⁵ Projeto de coleta de narrativas orais Pataxó para produção de um livro, futuramente. Realizado em parceria com a professora Erimita Motta.

bolsista e pesquisadora do Observatório da Educação Escolar Indígena⁶. Como pesquisadora do Observatório da Educação Escolar Indígena, visitei treze escolas Pataxó e seis anexos, localizadas em treze aldeias e suas extensões dos municípios de Itamaraju, Prado e Porto Seguro. Nesse período, também aproveitei para fazer algumas entrevistas que apoiaram a minha pesquisa de mestrado. Visitei, no total, aproximadamente, 17 aldeias Pataxó⁷, e esse fato foi muito importante porque me fez perceber a rede que se constrói com a produção, comercialização e uso dos adereços. Por mais que as aldeias sejam distantes, e algumas localizadas em diferentes municípios, há um elo que tece essa teia de relações que se sustenta na memória e dinâmica cultural do povo.

Outro dado importante da pesquisa de campo foi a observação participante nos Jogos Indígenas, nos anos de 2010 e 2012, que acontecem na aldeia Pataxó de Coroa Vermelha.

Posso dizer que o nosso trabalho de campo foi riquíssimo e bastante proveitoso. Pude conhecer e rever, juntamente com Anari Braz, minha irmã, que entrou também no mesmo ano no Mestrado, diversos parentes, e visitar aldeias Pataxó que não conhecíamos. Tivemos noites de contação de histórias, que nos proporcionaram oportunidades de compreender melhor essa metodologia de pesquisa etnográfica feita por nós mesmos.

Desse modo, o trabalho está estruturado em três capítulos. Começo, no primeiro capítulo, uma discussão baseada no passado, porque pretendo mostrar que os adereços usados pelos Pataxó não são fruto de um processo de retomadas de práticas auxiliado por agentes e agências ligados à causa indígena (BARBOSA, p. 3, 1998), não são uma criação do século XXI, mas um processo contínuo que foi passando de geração à geração. Apresento aspectos históricos do povo Pataxó na Bahia, destacando uma breve contextualização da história Pataxó na luta pela garantia do seu território, as relações de contato com outros grupos indígenas e com os não índios, discutindo abordagens históricas à luz da memória dos mais velhos.

No segundo capítulo, abordo algumas questões sobre as mudanças nos dos adereços usados pelos Pataxó, trazendo uma discussão sobre as inovações, a inserção de novas matérias-primas, as redes de trocas entre outros povos indígenas e os lugares de uso; o uso de adornos

⁶ O Observatório é um projeto de pesquisa financiado pela CAPES, que tem como objetivo fazer um diagnóstico das escolas indígenas.

⁷ Em anexo mapa das aldeias Pataxó na Bahia

nos Jogos Pataxó de Coroa Vermelha, no sentido de discutir a relação entre os adornos corporais e a identidade étnica Pataxó. Outras questões indiretamente se insinuam na discussão, como significados que são atribuídos a esses adornos pelo povo Pataxó e como os Pataxó (re)agem às mudanças em seus adereços.

No último capítulo, será apresentado o contexto técnico da produção dos adornos: matérias-primas utilizadas, quem produz, como se dá o processo de aprendizagem, a circulação interna e externa desses adornos, os laços entre as aldeias e as redes de comercialização dos adereços.

1 “PO PATAXÓ FICOU E PO PATAXÓ NÓS VAMO MORRER”⁸



⁸ Frase de Tio Antônio Braz durante entrevista em Julho de 2010.

1.1 OS MAIS VELHOS

“Pai falava pra nós que (eles) era Pataxó mermo. E essa nação de Pataxó eu sei que é conhecido (...) porque aqui onde existia negoço de índio, aqui na redondeza tudo era Pataxó, num tinha outro não, tudo era Pataxó. Eu sei que po Pataxó ficou e po Pataxó nós vamo morrer” (Antônio Braz, Aldeia Barra Velha, Julho de 2010.)⁹

A vida do povo Pataxó, hoje reflete a sua resistência, a sua trajetória histórica e os caminhos trilhados para garantir a sua sobrevivência enquanto nação. Por isso é importante relembrarmos o passado e conhecê-lo, para compreender o presente. Voltar ao passado não seria possível sem a colaboração dos mais velhos. Diante da importância que os mais velhos têm para o povo Pataxó, antes de propriamente adentrarmos no assunto desta dissertação, gostaria de apresentar alguns dos que contribuíram para a realização deste primeiro capítulo. Em poucas palavras, aqui apresentarei um pouco da história de vida de cada um deles, para contextualizar o leitor quando eu citá-los ao longo da escrita. Muitos mais velhos não lembram mais a idade, eles dizem que na época em que nasceram não havia registro -- “era feito fii de caça” -- e, quando já adultos obtiveram os documentos, então alguns têm uma idade aproximada nos documentos, já outros lembram com precisão a idade ou a data em que nasceram.



Seu Manuel, (mais conhecido como Seu Duca) e Dona Rosa

São os filhos mais velhos da Dona Maria Emília ainda vivos. Ambos nasceram no rio do Corumbau, num lugar chamado Vista Alegre. Após a morte do pai, dias depois do Fogo de 1951, eles ajudaram a criar os irmãos mais novos. Atualmente moram na Aldeia Águas Belas, onde reside a maioria dos seus familiares. A aldeia fica ao norte do município de Prado, aproximadamente a seis quilômetros do limite sul do Parque de Monte Pascoal e a cinco léguas da costa litorânea (Sampaio, 2000).

⁹ Nas transcrições, decidi manter os traços fonéticos e morfossintáticos que caracterizam o “modo de falar o português” Pataxó, mesmo naquelas marcas que condensam estigma e discriminação dos falantes



Figura 2

Antônio Braz

Nasceu, cresceu e ainda vive em Barra Velha. Aldeia situada “entre os rios e povoados Caraíva e Corumbau” (PROFESSORES PATAXÓ, 2007). Tem 89 anos e é irmão do pai de vovô Alfredo que se chamava Acrísio. É filho de Macelina e Salvador, ambos já falecidos. São seus avós maternos Derdina e João Braz.



Figura 3

Dona Izabel

Tem 84 anos, nasceu em Barra Velha. É filha do antigo cacique Epifânio Ferreira e Venerana Maria da Conceição. Na época do Fogo de 51 morava no rio do Corumbau, e em decorrência da dispersão morou em vários lugares, tais como, Arraial D'Ajuda, Camacã, tendo, após certo tempo retornando à Barra Velha. Atualmente mora em Coroa Vermelha com um dos seus filhos.



Figura 4

Dona Alexandrina

Tem 89 anos, nasceu em Barra Velha, num lugar conhecido como Anjo. Atualmente mora em Coroa Vermelha, onde também reside a maior parte dos seus familiares, filhos e netos.



Figura 1



Figura 6



Figura 7

Seu Antônio Máximo

Tem 89 anos. É neto de João Vicente Ferreira e filho de Antônio Máximo Pinheiro e Julinda Maria da Conceição. Nasceu em Barra Velha, onde morou a maior parte de sua vida, depois foi para a Aldeia Mata Medonha e, atualmente mora na Aldeia Pequi, onde também residem seus filhos e netos.

Zabelê

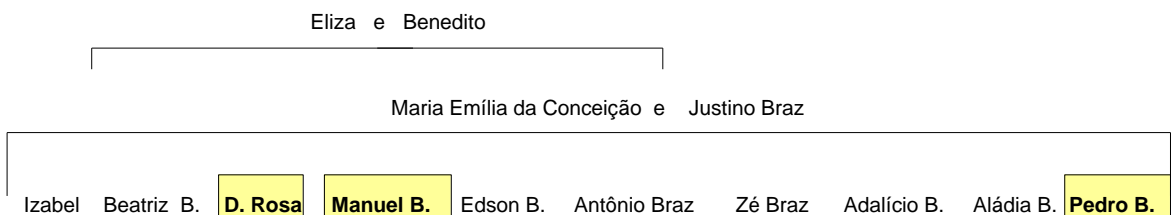
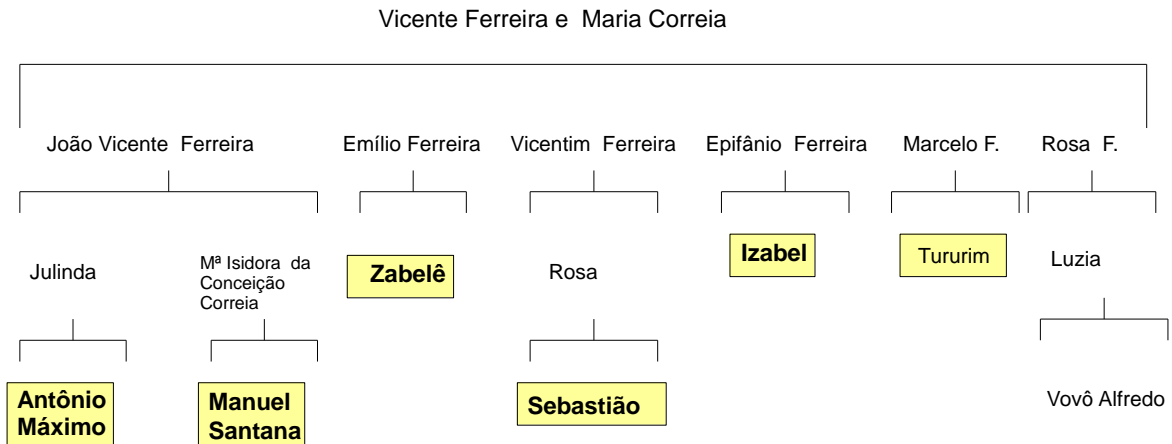
É filha de Emílio Vicente Ferreira e Salvina Maria da Conceição. Tem 77 anos, nasceu em Barra Velha, de onde saiu após o incidente do Fogo de 51. Morou no Rio do Peixe, Corumbau, e até 04 de julho de 2012, data do seu falecimento, morava com a sua família na aldeia Tibá, que fica a 8 km de Cumuruxatiba.

Seu Manuel Santana

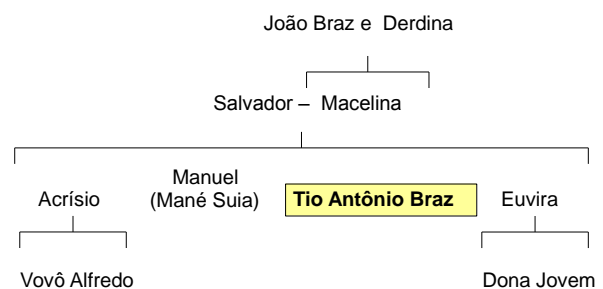
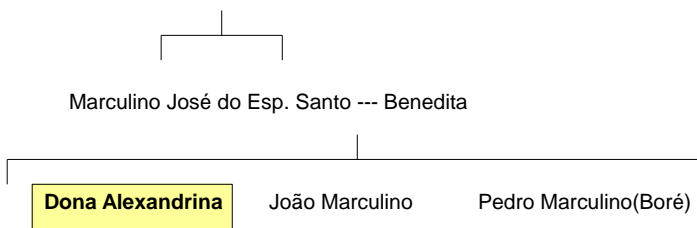
Atualmente mora na aldeia Boca da Mata, onde residem também filhos e netos. É dono de uma excelente memória e cultiva o passado relatado pelos mais velhos de sua época.

Possui um viveiro com uma grande variedade de mudas de árvores da mata atlântica e vem, há algum tempo, fazendo um trabalho de reflorestamento na aldeia Boca da Mata.

Para situar ainda mais o leitor sobre as pessoas entrevistadas¹⁰ e suas relações de parentesco, segue os quadros abaixo com as genealogias de alguns mais velhos, destacando apenas a família da qual descendem.



Leotério Rodrigues Pessoa e Alexandrina Guardiana de Jesus



¹⁰ Está destacado nos quadrinhos os nomes das pessoas que foram entrevistadas, os demais aparecem apenas para estabelecer a relação de parentesco. Vale destacar que o número de pessoas entrevistadas foram muito superior a este, porém colocamos apenas alguns mais velhos para representar os demais, já que ficaria exaustivo trazer uma biografia, ainda que pequena de cada um deles.

1.2 “O TAPUIOS VÃO CHEGAR...”¹¹

Diferente de alguns povos indígenas do Brasil, dos quais os órgãos indigenistas conseguem identificar exatamente o ano do “primeiro contato”, não se sabe quando foi o primeiro contato dos Pataxó com os não índios. O que se pode provavelmente afirmar é que os Pataxó há muito tempo mantêm contato com os não índios, e que antes mesmo da chegada desses já mantinham com outros povos indígenas.

Quando falamos de contatos, estamos nos referindo tanto aos estabelecidos através de alianças, como através das guerras, pois não devemos deixar de mencionar os contatos que resultaram em redes de solidariedade e os que resultaram em conflitos com os outros povos indígenas, mas principalmente com os não índios, os quais permaneciam em constante tentativa de “amansá-los”, para garantir o avanço sobre seu território, fazendo muitas vezes o uso de armas de fogo e da violência. O livro *Viagem ao Brasil* (1989), um dos mais citados para falar dos Pataxó no início do século XIX, escrito pelo príncipe de Wied-Neuwied, Maximiliano, registra uma série de relatos que este ouviu dos moradores acerca dos Pataxó. Em sua passagem pela Bahia encontrou um velho português que se apresentou como desbravador de diversos rios da região. Esse português teria combatido um grupo Pataxó, munido de arma de fogo, invadido uma de suas “rancharias” e os colocado em fuga, conseguindo fazer ainda alguns prisioneiros (op cit. 1989, p.448).

Carvalho (1977), em sua dissertação sobre os Pataxó e seu subsistema econômico, partindo dos relatos de viajantes, mais especificamente de Wied Neuwied e de outros documentos e ofícios antigos, faz bastantes referências ao povo Pataxó e suas relações de contatos, tanto com a população não indígena quanto com outros povos indígenas, no século XIX. Nos documentos citados, os Pataxó sempre aparecem como um dos “grupos” mais arredios e bárbaros, na maioria das vezes citados apenas por estarem causando danos à população e perturbando a paz das vilas e povoados no extremo sul da Bahia, enquanto os “brancos” aparecem como pessoas que almejam a paz das vilas, mesmo que ajam de forma violenta para conseguir essa paz. Exemplos dessa violência são os relatos do desembargador Thomaz de Navarro que, em 1808, empreendeu uma viagem da Bahia ao Rio de Janeiro para a instalação

¹¹ Tapuio é uma expressão que aparece frequentemente nos relatos dos mais velhos. Eles dizem que tapuios eram outros índios com os quais eles também mantinham contatos; era como também denominavam outros índios considerados por eles como “índios bravos”. Alguns chegaram a se lembrar que essa expressão também era usada pelos não índios para referir aos Pataxó.

dos correios, e passou pelo município do Prado. Ele recebera um ofício do Sargento-mor comandante da vila de Caravelas, no qual descrevia os constantes ataques dos índios, atribuindo “os maiores males aos Pataxó e aos Botocudos”. Neste relato, o remetente demonstra que a violência era o meio mais próprio de tornar “tranquilas e habitáveis as terras”, e observa, ainda, que somente o conseguiriam, sitiando-os e impedindo-os com armas e resistência, “trazendo-os violentados aos povoados das vilas”, onde não deveriam ficar em liberdade, senão poderiam retornar às suas moradas (JORNAL DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DA BAHIA 1846, p.449 *apud* CARVALHO 1977, p.68).

Assim como os “desbravadores” das “terras desconhecidas” utilizavam vários meios e estratégias para garantir a “sua paz”, os povos indígenas também utilizavam diferentes estratégias para conviver, e sobreviver a esses contatos. Embora muitos registros descrevam os Pataxó como “animais” que precisavam ser amansados, outros também mostram a sua resistência frente a essa mobilização por parte dos colonizadores. Carvalho (1977, p.69) afirma que o Sargento-mor, no mesmo ofício, revela a aliança dos Pataxó com outros povos indígenas que habitavam o mesmo território, para conseguirem, nas vilas, ferramentas cortantes.

Wied Neuwied também descreve possíveis alianças dos Pataxó com outros povos, tais como os “Capuchos, Cumanachos, Machacalis e Panhamis”, destacando ainda as afinidades nas maneiras e costumes desses povos, enfatizando a maior semelhança dos Pataxó com os Maxacali (WIED 1989, p. 176). Paraíso (1994), partindo de relatos de viajantes, dentre outras referências, traz uma análise das semelhanças descritas sobre os Pataxó, os Maxacali e outros “grupos”: Kumanaxó, Kutatoi, Maxakali, Malali, Makoni, Kopoxó, Monoxó e Kutaxó. E conclui que as relações e semelhanças existentes entre esses “grupos” provêm de uma única origem, já que fariam parte de uma mesma nação, e, por motivos internos, teriam se dispersado. Essa dispersão teria se acentuado com a invasão de seus territórios, pois afetou suas condições de vida. Porém a autora ressalta que a “consciência da unidade pela identidade não se desfez naqueles primeiros momentos” (op. cit. 12), o que explicaria as alianças estabelecidas entre os “grupos” nos momentos de enfrentamento externo.

Embora talvez sejam lembranças de um passado mais recente, os mais velhos contemporâneos também guardam em sua memória diferentes relatos de encontros e desencontros com outros índios. Em alguns casos, não identificam o nome do povo, mas geralmente fazem referência

às áreas de circulação e de onde eles vinham. Nas conversas com os mais velhos realizadas durante as visitas a diferentes aldeias Pataxó, pudemos registrar várias lembranças desses momentos. Em Barra Velha, por exemplo, conversando com Tio Antônio Braz (89 anos), ele contou que:

(...) no outo tempo, eu acho que nós era menino, inda num existia, era menino, então diz que vinha uns índio de cá do norte, agora ninguém num sabia de que ardeia era, mas diz que eles vinham chegava aqui eis(eles) danava a brigar com os outo daqui, os índios, diz que eis(eles) brigava trocava frecha, mas tinha o língua daqui, que sabia tomém e o deles, aí uns com outo eis(eles) cortava a língua e acalmava aquilo, aí eis(eles) entrava e ia conversar na língua deles. Diz que era assim. (Antônio Braz, Barra velha 20 de Julho de 2010).

Um dos relatos mais comuns na memória do povo e que eu ouvia minha mãe contar também (que, por sua vez, ouviu da avó), era sobre um grupo de índios que visitava os Pataxó e que eles denominavam de tapuio. Dona Zabelê (77 anos), que até recentemente morava na aldeia Tibá, faz referências aos Tapuios, e hoje, refletindo sobre o passado, acha que os mesmos eram Maxacali:

Meu pai falava, que tinha uns parente que chamava os tapuios. -Os tapuio vão chegar aqui entá nós! Mas eu era pequena não sabia de nada ainda. E quando chegava matava um bicho assim pa comer, gado assim dos outo es(eles) matava, meu pai num gostava não, nós num era assim né. Era gado que tivesse es(eles) matava, era porco, mas num cumia não, deixava lá, condo tava fedendo já, ali es(eles) íam comer. Acho que era os Maxacali, meu pai falava os tapuio vão chegar, es(eles) num chamava Maxacali não né, chamava os tapuio.(Dona Zabelê ,Aldeia Tibá, 20 Julho de 2010)

Esses contatos dos Pataxó com os moradores das vilas e também com outros povos indígenas permitiam aquisição de produtos que eles não possuíam, mas que lhes interessavam e eram necessários. Em sua passagem pelo Prado, Wied Neuwied relata que presenciou um momento em que um grupo pataxó chegou nesta mesma vila para trocar produtos com os moradores. Foi a primeira e única vez que o viajante pôde ter contato com os Pataxó. “Traziam para vender grandes bolas de cera”, tendo ele mesmo “conseguido uma porção de arcos e flechas, em troca de facas e lenços vermelhos” (1989, p. 214). Diz também que, em Alcobaça, tanto os Pataxó quanto os Maxacali “visitavam pacificamente as moradas dos brancos, oferecendo, em certas ocasiões, cera ou caça, em troca de outros produtos” (op. cit 1989, p.212). Quando passou por Cramimoã, hoje Caraíva, soube que os moradores, também índios, trocavam arcos

e flechas por facas com os pataxós que moravam nas florestas vizinhas (op. cit. 1989, p.220).

Essas trocas possibilitavam a aquisição de materiais industrializados dos “brancos” bem como de outros povos indígenas, provavelmente até saberes e práticas necessários à sua sobrevivência. Em Águas Belas, Dona Rosa e seu Manuel falaram que as panelas de barro que seus pais utilizavam, “pegavam dos outros índios, que morava no mato”, trocadas pelos alimentos que cultivavam. Embora não tenham alcançado mais essa época, ouviam seu pai dizer que esses índios ainda andavam nus. A partir desses relatos, podemos observar que, não faz muito tempo, os Pataxó mantinham contato com outros grupos indígenas que circulavam pela mesma região por eles habitada. Grupos esses, na maioria das vezes, denominados pelos Pataxó de tapuios e, em alguns casos, de Maxacali.

Nas primeiras décadas do século XX, esse contato ocorria, principalmente, com as populações dos comércios vizinhos ao seu território, com os quais mantinham alguma interação, tais como Itamaraju, Caraíva, Corumbau, Arraial D'Ajuda, Trancoso, Prado e Porto Seguro. Nesses municípios, seus distritos e fazendas, os Pataxó vendiam seus produtos e até sua mão de obra para conseguir alguns trocados que lhes assegurasse comprar tecidos para fazer roupas e outros produtos industrializados, como fósforo e sal. A referência a esses contatos são constantes nas falas dos mais velhos. Seu Manuel (Duca) conta, por exemplo, que naquele tempo saía pelas fazendas trabalhando, e era assim que “arranjava algum troquim pra comprar um pedacinho de pano pra fazer a roupa”.

Em Coroa Vermelha, conversando com Dona Izabel (86 anos), uma das filhas do finado Epifânio, antigo cacique de Barra Velha, ela nos conta que, quando era “mocinha”, provavelmente entre o final da década de trinta e início da década de quarenta, juntamente com as irmãs ajudava seu pai na produção de cal, vendido em Porto Seguro:

Eu ajudava meu pai, era quando eu era mocinha, nós ajudava muito ele, era mês (mesmo) que um homem pa trabalhar, era eu, a finada Agustinha, a finada Zefa, era nós três, trabaiava pa ajudar ele. Fazia Caeira, panhar pau, muntuar, quando o pau tava todo de junto ele armava a caeira pa queimar pa aí dá os cal. Armava a caeira, cabar ia botando as peda(pedras) encima dos pau, cabar ia botando os pau por riba das peda, aí ele botava fogo pa queimar, pa misturar o cal com a lenha, pa fazer a caeira pa fazer o pó do cal, era, pa vender. Quando tava pronto o cal, agente ia penerar. Era uma peneirona de penerar o cal. Peneira de uruba. Ele armava um pau lá encima cabar enfiava a peneira no cipó na corda, cabar eis (eles) panhava o cal, botava ali den da peneira e ficava sacudindo assim. O cau caía tudo encima

da vazia (vasilha), era o nosso trabai, peneirar cal. Eis (eles) fazia muito. Era, comprar roupa. Vindia. Aí botava no saco e vinha vender aqui em Porto Seguro. (Dona Izabel, Aldeia Coroa Vermelha, Agosto de 2010).

Outro momento que favorecia o encontro e contato dos Pataxó com outras pessoas da região vizinha era a época das festas, que aconteciam, e acontecem na Aldeia de Barra Velha até os dias atuais. As referidas festas são em comemoração aos santos da igreja católica denominados de São Braz, Sr.^a da Conceição e São Sebastião. Atualmente, as festas integram a missa ou reza na igreja, às vezes seguidas de casamento e batizados, depois do que, geralmente, há dança no salão, ao som de um músico da região ou som eletrônico. Seu Sebastião (70 anos), que atualmente mora em Coroa Vermelha, lembra que, quando era criança, vinha muita gente de Caraíva e Corumbau para as festas. Assim como outras famílias pataxós, ele e a família, enquanto moradores do entorno de Barra Velha, também se deslocavam para a aldeia, nesse período.

Esses relatos nos mostram como os Pataxó, ao longo dos anos, foram aprendendo a viver em contato, mas sempre se mantendo como um povo distinto da sociedade nacional, resistindo em seu território, mesmo quando foram obrigados a sair. Os Pataxó, hoje, assim como muitos povos indígenas do Brasil, são fruto desses contatos. Essa breve contextualização nos permite perceber como diferentes fluxos culturais sempre existiram, resultando, em muitos casos, em recorrência de alguns elementos culturais entre distintos povos, através de trocas circunstanciais e, muitas vezes, decorrentes da imposição e da violência. Observamos como esses contatos favoreceram o trânsito de objetos e como, em certos casos, foram motivados pelo interesse em determinados objetos. Assim é que os Pataxó provavelmente adquiriram, e também repassaram, costumes, aprendizagem de produção, etc, tanto para os não índios quanto para outros povos indígenas, o que permitiu a esse povo ser como é, presentemente.

1.3 NOSSA HISTÓRIA: NOSSA MEMÓRIA

Como nas sociedades onde a oralidade é a principal forma de repassar a história para os mais jovens, com o povo Pataxó não foi diferente. Sua história está na memória dos mais velhos e começa onde sua memória alcança, um passado relatado pelos avós, pelos bisavós e também

pelos pais. Algumas memórias, relatadas por atores que estão vivos e presenciaram os fatos, são descritas com detalhes, ao passo que há também outras que estão mais distantes do nosso presente e que só chegaram até nós através da oralidade repassada de geração à geração. São relatos às vezes comuns na temática, mas diversificados a depender de quem os narra. A história Pataxó é, assim, contada mediante vários pontos de vista, cada contador acrescentando diferentes detalhes.

Alguns fatos marcaram muito a história de vida dos Pataxó, principalmente alguns que ocorreram ao longo do século XX, como a implantação do Parque Nacional de Monte Pascoal, o Fogo de 51, e as brigas com o IBDF. A vida do povo Pataxó sempre foi de muita luta para sobreviver em meio à expansão agrícola da sociedade regional, à invasão de seu território e à violência. Mas, ainda assim, do início do século XX até a década de quarenta, o nosso povo ficou por um tempo “sossegado”, isolado de qualquer relação de caráter governamental, vivendo da caça, pesca, da extração de vegetais, produção de objetos e da agricultura de subsistência em uma extensa área verde de mata atlântica no entorno do Monte Pascoal, que se estendia até a praia onde ficava a sede do território, a Aldeia Barra Velha. Como na época em que Wied Neuwied esteve na Bahia, os Pataxó prosseguiram mantendo contatos com as cidades circunvizinhas, nas quais continuavam a oferecer seus produtos e a obter outros, como já afirmamos, anteriormente.

Esse modo de vida se estendeu até o momento em que se viram ameaçados de viver em seu próprio território e dele usufruir, uma longa saga que começa no início da década de 1940, quando recebem a visita de alguns homens, liderados por um indivíduo chamado Dr. Barros. Seu Luis e Tio Antônio Braz, moradores de Barra Velha e, na época rapazes, contam que aquela visita intrigou aos mais velhos que, por várias vezes, foram procurar saber o propósito daquela demarcação, mas ninguém lhes dava explicação. O Dr. Barros dizia não saber para quem aquela demarcação seria efetuada, mas que, futuramente, todos iriam ficar sabendo.

A comissão liderada pelo Dr. Barros sabia, sim, da finalidade da demarcação, mas provavelmente preferiu não revelar, com receio de gerar conflito com os Pataxó antes de o trabalho ser concluído. Assim, suas respostas eram “bonitas”, como alguém que estivesse apenas cumprindo ordens. Antônio Braz¹² diz que ele falava:

¹² Ele lembra que na época tinha por volta de quinze anos de idade.

...ói eu eu vim medir essas terras daqui do Monte Pascoá ..., mas eu vim medir porque eu vim mandado, mas vou fazer porque é de obrigação eu fazer, mas ninguém sabia que aqui tinha índio (...) mas agora nós tamo creditando que tem índio e a terra é dos índio mermo, mas nós já viemo fazer, então nós vamo medir. Mas cês tem direito, seus direito, o direito das terra é seus que é de índio. Isso ele falava pra nós. (Antônio Braz, Aldeia Barra Velha, 20 de Julho de 2010)

O que se sabe dessa empreitada é que no final dos seis meses de ajuda à equipe na demarcação da área, juntamente com outras pessoas da região, os Pataxó foram informados de que seria criado um Parque Florestal e que dali em diante não usufruiriam do território como antes, não poderiam fazer suas roças, não poderiam mais fazer qualquer tipo de extração da mata, “pois todo mundo seria retirado do parque”(OLIVEIRA, 1985, p.14) .

Foi a partir da visita da comitiva liderada pelo Dr. Barros, que dizia estar apenas cumprindo ordens, que a vida dos Pataxó nunca mais foi a mesma. Anos depois, diante das ameaças sofridas com a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal (em 1943), Honório Borges, um velho com mais de oitenta anos, empreende, em 1949, juntamente com outros parentes, uma viagem ao Rio de Janeiro, em busca de uma solução para o problema. Segundo Carvalho (2009, p. 511), Honório viajou nas companhias de Manuel Caetitu e Leôncio para o Rio de Janeiro e de lá alguém os teria levado até Niterói, onde teriam feito um pedido ao SPI de não deixarem suas terras serem invadidas, além de pedirem também ferramentas e roupas. Assim começaram as primeiras viagens de Honório, só interrompidas quando recebeu a promessa de que viriam resolver o problema do território.

Nesse período, começa uma luta que, por várias décadas, se prolongou e teve como consequência o “Fogo de 51”, também conhecido como a “época da revolta”, um incidente que aconteceu no ano de 1951 e que destruiu a Aldeia Barra Velha e dispersou, por um tempo, o povo Pataxó, modificando numa só semana a vida cotidiana naquele lugar. Aqui, não aprofundarei os detalhes sobre o “Fogo de 51”, tendo em vista que já há referências escritas tanto no livro de Oliveira(1985) quanto em outros trabalhos publicados por Carvalho (1977) , por Cunha(2010) e Silva (2010).

O episódio do Fogo começa quando, em 1951, dois homens chegam à aldeia de Barra Velha, dizendo terem vindo do Rio de Janeiro para demarcar a área para os Pataxó. Um dizia ser

tenente e, o outro, engenheiro. Estando em Barra Velha, fizeram uma reunião com os chefes de família pataxós, todos tendo sido convocados, mesmos os que moravam mais distante, no entorno do Monte Pascoal. Os dois já chegaram em Barra Velha mandando abater gados dos vizinhos para a alimentação do pessoal e perguntando onde ficava o comércio mais próximo, no qual pretendiam buscar ajuda. Acompanhados e sob as ordens dos dois homens, os Pataxó foram até o comércio de Teodomiro Rodrigues, em Corumbau, e assim que chegaram, os dois homens, em vez de pedir ajuda, anunciaram que aquilo era um assalto, ferindo e amarrando Teodomiro, obrigando os Pataxó a pilhar a mercadoria da venda e a cortar a linha telegráfica. Neste momento, os Pataxó perceberam que haviam sido enganados, mas era tarde demais, os dois homens deram ordem para que todos conduzissem a mercadoria para a igreja e que ninguém fugisse. Algumas famílias, contudo, puderam fugir, principalmente as mulheres com seus filhos. Seu Sebastião que, à época, estava com dez anos, conta que sua mãe, percebendo que aquele incidente redundaria em confusão, logo chamou os filhos: “Vamo saí daqui! Vamo saí daqui que o negócio num vai dá bom!” Seu pai, no entanto, sob a ordem dos ladrões, teve que permanecer em Barra Velha até a hora que a polícia invadiu a aldeia:

(...) Aí meu pai disse que pontou uma luz lá po lado de Caraíva, aí o povo avoroçou tudo: - Uai! Uai! (...) Pouco viu pau quebrar, bala de lá pra cá, a polícia, aí os que desse pra correr ia correndo, aí diz que muito polícia mermo entrou atirando e deixou os índio por tudo que foi canto. Daí onde nós tava só via os tiro, tava a minha família toda, disgramemo mata a dento. (...) Sei que foi sofrimento, sofrimento mermo, chuva, muita chuva. Arquelas lagoa tava tudo cheia d'água. (Seu Sebastião, Aldeia Coroa Vermelha, Março de 2011)

Policiais de Prado e Porto Seguro invadiram a aldeia, trocando tiros entre si por achar que eram os Pataxó que estavam armados, e, na sequência, queimaram todas as casas, roças e também fizeram um saque na aldeia. Vários homens e mulheres foram presos e levados amarrados para Caraíva, sendo abusados de todas as maneiras. Os que conseguiram fugir não tiveram outra alternativa senão esconder-se nas matas, talvez o único local onde estariam seguros. Dona Izabel conta que, juntamente com seus quatro filhos, subiu o córrego Gibura até chegar numa casa de uma senhora não índia, chamada Nazara, e pediu abrigo.

(...) chegou lá: _Ê Dona me dar um lugarzinho no fogo da senhora pa eu fazer uma comida pa meus fii(filhos) que eis(eles) tão tudo aqui com fome e com friio. Ranjou um café pa eis(eles) beber. Aí ela: _ Pode fazer. Na casa da mulé. Fiquemo ali. Fiz o café, eis(eles) bebero... Aí ela falou:_ Aonde cês vão? Mulé nós vamo por aqui acima. Aí ela disse: Ah pode ficar aqui com agente... Daí agente fiquemo na casa da vea. (Dona Izabel, Agosto de 2010)

Assim como Dona Izabel, os pataxós dispersos foram buscando abrigo nas matas, nas roças e também nas fazendas da vizinhança. Enquanto isso, policiais os cercavam e os procuravam por toda parte, para prendê-los. A busca pelos pataxós só parou dias depois, quando os policiais receberam uma ordem para não mais prenderem os índios. A essa altura os dois “ladrões”, juntamente com mais dois índios que os acompanhavam, já haviam sido mortos quando se aproximaram de uma fazenda, para pedir abrigo.

A repressão atingiu a todos os Pataxó, mesmo os que moravam mais distante. Seu Edivaldo, neto da Maria Emília, que atualmente mora na Aldeia Pé do Monte, conta que sua mãe e tios, que na época moravam no Craveiro, também se esconderam na mata, e quando resolveram sair:

encontraro um camarada, um tal de Antôin Rocha que morava lá perto, vizim lá da gente. Aí deu voz de prisão pra eis[eles]. Eis[eles] foru [foram] até a Barra do Cahy, até lá no Odaldo [irmão de Teodomiro], chegando lá o Odaldo disse : - Rapaz pra quê que cê trouxe esses camarada pra cá? Esses daí é meu rapaz! Esses aí num tava lá nessa briga lá não, pode soltar eis[eles] que eis[eles] vão embora pra casa deles. Aí soltaro, mas o camarada sozim deu voz de prisão e levou eles na frente, tudo até a barra do Cahy de lá eis[eles] voltaro de novo, no mesmo dia. (Seu Edivaldo, Aldeia Pé do Monte, janeiro de 2011)

Destruição e um deserto de casas queimadas foi a imagem que restou de Barra Velha depois do Fogo de 51. Seu Sebastião, que sempre passava pela aldeia quando ia pra Caraíva, comentou que “aquela Barra Vea ficou uma tapera, derrubaro as casa tudo, quemaro, pintaro a disgrama. Cê passava cê num via, ninguém, ninguém.” O Fogo resultou na morte dos dois “ladrões” e dos dois índios que os acompanharam, além da morte de alguns mais velhos que mesmo depois do incidente não resistiram a tanto sofrimento. Seu Pedro, da Aldeia Boca da Mata, afirmou que seu avô morreu quatro dias após o episódio. O Fogo de 51 acarretou a concentração de um número maior de famílias em outros lugares, formando novas aldeias. Porém é importante ressaltarmos que as famílias pataxós, mesmo antes do Fogo, já habitavam em diferentes locais do território que fica no entorno do Monte Pascoal.

Como vimos, a história do Fogo é de muitas vozes, cada família ou cada pessoa conta como passou por aquele período e quais foram as cicatrizes e marcas que ficaram, para sempre, em

suas vidas. Conversando com os mais velhos, vários foram os relatos que ouvi, ao longo do trabalho de campo, sobre esse triste episódio; no entanto como esse não é o foco da pesquisa, não será possível relatar todos. Dona Tereza, moradora atualmente da aldeia Trevo, também traz uma triste e, ao mesmo tempo, bonita história de superação marcada pelo desespero que atingiu muitas famílias naquela semana. Ela narra que, na fuga, seus pais acharam que seria mais seguro entregá-la a outra família, pois só assim teria a oportunidade de viver. Foi criada por uma família de não índios, no município do Prado, dos cinco aos doze anos, quando, então, retorna à Aldeia Barra Velha depois de descobrir sua verdadeira identidade: ela era Pataxó e que tinha uma família.

Depois do fogo, os pataxós tiveram que recomeçar a vida. Com receio de voltar à Barra Velha, a maioria, sem destino, perambulava por roças, fazendas, povoados e também pelas cidades da região, tais como Alcobaça, Caravelas, Prado e Itamaraju, nas quais algumas famílias vivem ainda, nos dias atuais. A trajetória percorrida por Dona Izabel e sua família nos traz um pouco do que foi essa vida de fuga: depois que saiu do Rio Gibura, foi para a Carrola, um lugar que era do seu sogro, o Vêi Anjo; depois foi para outro lugar, perto do Rio de Corumbau, conhecido como Champrão; de lá foi para o Arraial d'Ajuda; depois de morar alguns anos no Arraial foi para Camacã, de onde retornou à Barra Velha (morando num lugar conhecido como Porto da Palha); de Barra Velha saiu e veio para Coroa Vermelha, onde está há dez anos.

Outras famílias, não suportando a vida em outros lugares, logo após o incidente voltaram para Barra Velha. Aos poucos, foram retornando as famílias dispersas, tendo que enfrentar, na época, a seca que atingira a região e, em seguida, com a criação do Parque, em 1961, enfrentar o IBDF, que se instalou, retirando novamente muitas famílias que haviam voltado para o seu território, agora considerado Parque Florestal. Sobreviver na área torna-se mais difícil, tendo em vista as perseguições constantes para não fazerem roça na área, experimentando escassez de alimentos por muitos anos.

Com a instalação de um posto indígena da Funai, no início dos anos setenta, em Barra Velha, um acordo é firmado com o IBDF, que “cedeu” aos Pataxó o “direito” de fazerem plantio somente nas capoeiras. E somente mais tarde, em 1980, “uma pequena área de 8.627 hectares” foi demarcada (SAMPAIO, 2.000).

O número de aldeias Pataxó tem crescido e cresce cada vez mais, não só devido à dispersão causada pelo Fogo de 1951 e à criação do parque, mas devido ao crescimento demográfico Pataxó e à migração constante de famílias para outros lugares, bem como o retorno de muitos pataxós que estavam dispersos.

1.4 E A VIDA DOS PATAXÓ CONTINUA...

O povo Pataxó atualmente constitui uma população de aproximadamente quinze mil indivíduos que vivem distribuídos em trinta e seis aldeias localizadas em Minas Gerais e no extremo sul da Bahia. Na Bahia as aldeias estão distribuídas nos municípios de Prado, Itamaraju, Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália. Há, por outro lado, famílias que moram fora das aldeias, em contextos urbanos.

A luta Pataxó pelo território ainda continua, pois com o aumento da população Pataxó, muitas famílias acabam se deslocando para outros lugares, formando novas aldeias que assegurem a manutenção do modo de vida pataxó, principalmente as necessidades básicas alimentares que, na maioria dos casos, provêm da agricultura. E é assim que novos conflitos eclodem, pois os Pataxó estão retomando antigos territórios, agora ocupados por órgãos e institutos florestais, grandes proprietários rurais e empresas de eucalipto.

A maioria das famílias Pataxó da região do extremo Sul da Bahia vive da agricultura de subsistência, nas aldeias em que ainda há possibilidade para essa prática, e da produção e venda do artesanato, com maior ênfase nas aldeias mais próximas ao litoral. Além desses meios mais tradicionais de subsistência, os Pataxó também estão envolvidos, hoje, com novas atividades que foram ganhando espaço, nas aldeias, com a chegada da escola, do posto de saúde, com a formação de associações, cooperativas e com a implantação do ecoturismo. Assim é que novas atividades diárias, além da roça e confecção e venda do artesanato, vêm fazendo parte do cotidiano dos Pataxó, tais como de agente de saúde, professor, guias de turismo, secretários das associações e cooperativas, dentre outros.

É importante não deixar de mencionar que outras atividades também são exercidas pelos Pataxó para garantir sua sobrevivência. Digo sobrevivência porque a maioria das famílias

pataxós vive, ainda hoje, de uma maneira geral, em situação de miséria, lutando a cada dia pela alimentação. Daí é que a “caça” ainda é uma atividade praticada pelos Pataxó: “caça para a alimentação diária”.

Dentre essas outras atividades estão o acesso de alguns pataxós a empregos provisórios em comércios, mercados, pousadas nas cidades turísticas que ficam próximas às aldeias, tais como Santa Cruz Cabralia, Porto Seguro, Arraial D'Ajuda e Comuruxatiba. Sabe-se que, na maioria das vezes, esses empregos são provisórios, uma vez que os contratos de trabalho vigoram apenas para o período conhecido como “alta temporada”, que vai de dezembro a fevereiro, época do ano em que há mais turistas nessas cidades. É importante notar que há uma variedade e uma maior ênfase sobre determinadas atividades a depender da aldeia, devido a diversos fatores, como a própria localização, relação com o meio ambiente, demarcação do território, dentre outros.

1.5 PRODUÇÃO DE ANTIGAMENTE

Para os mais velhos, desde tempos antigos, os Pataxó extraíam da mata diversos vegetais que os auxiliavam em sua vida cotidiana. Eram cipós, folhas, fibras, palmeiras, madeiras, cascas de árvores, resinas, frutos, raízes etc. De tudo que a natureza podia lhes oferecer, aproveitavam. Cada vegetal tinha importante papel para lhes garantir a sobrevivência. Durante as entrevistas realizadas com os mais velhos, foi comum ouvir que dessas extrações faziam os seus kijeme¹³, armadilhas para pegar animais, samburás¹⁴, panacum¹⁵, peneira, tapiti, esteira, chapéu, vassoura de cipó, rede de algodão, linhas de tucum¹⁶, tarrafa de tucum, canoa, remo, gamela, colher de pau, arco e flecha, bodoque¹⁷, coronha pra espingarda¹⁸, abano para fogo, cordas de embira, pá para fazer beiju, tanga, cocar, bolsa de palha, além dos que lhes serviam de alimentos e “remédios”.

¹³ Palavra em patxohã para referir a casa.

¹⁴ Cesto pequeno feito de cipó.

¹⁵ Também conhecido com caçuá, usado sobre algum animal(jegue, cavalo)para fazer transporte de cargas.

¹⁶ O tucum é uma palmeira, da qual os Pataxó extraíam da palha uma fibra que ao serem tecidas, transformavam-se em resistentes cordas.

¹⁷ arco de madeira envergado por duas cordas que unidas possuem no centro um apoio para colocar pelotas para serem lançadas na hora da caça

¹⁸ Espécie de suporte -bolsa- usada para colocar armas de fogo.

Essa época à qual os mais velhos se referem não está muito distante, é a época dos seus avós, pais e também de quando eram crianças. Eles relatam-na como o tempo em que as caças vinham à porta, tempo em que havia onça com fartura. Décadas antes da chegada da Funai. Naquela época, embora mantivessem relações com a população das regiões vizinhas, os Pataxó viviam mais distantes do consumo de materiais industrializados, pois ainda podiam extrair da mata a matéria-prima necessária para suprir suas necessidades diárias, seja para alimentação, seja para a produção de materiais para uso diário, para a troca e até mesmo para a venda externa. As formas de produção desses materiais eram de domínio da maioria. No entanto, é importante ressaltar que, naquela época nem todos os produtos citados eram produzidos por uma mesma pessoa, ou seja, nem todos faziam de tudo, cada pessoa cingindo-se à determinada habilidade para determinadas atividades. Um exemplo disso foi assinalado por Dona Rosa, na aldeia de Águas Belas, que afirmou que seu pai nunca fez tanga e nem cocar, no entanto ela e a mãe faziam trança de aricuri [ou alicuri, aricuí, iricuri, uricuri, ouricuri, licuri, nicuri] para a confecção de chapéus - a trança é uma espécie de trama tecida com as palhas de uma palmeira conhecida pelos Pataxó de aricuri ou licuri, que atinge aproximadamente quatro centímetro de largura. Disse, ainda, que seu pai fazia gamela, peneira, canoa, panacum e coronha de espingarda. Relata que também via o seu pai fazer arco e flecha grandes, de aproximadamente um metro e meio de tucum, para matar caças. Através dessa memória vemos que a habilidade dos Pataxó na produção de objetos era grande e também necessária para suprir as demandas diárias do seu então modo de vida.

O tapiti, utensílio ainda muito usado por povos indígenas e populações ribeirinhas de distintas regiões do território brasileiro, também era feito e muito usado pelos Pataxó, por esses mais velhos que vivem ainda hoje. Como a peneira, o tapiti feito pelos Pataxó era de uruba¹⁹, Segundo dona Izabel, o “vei Zé Graciano” e o “véi Corado” faziam muito tapiti, tanto para uso quanto para vender. Era usado para enxugar a massa da mandioca para fazer farinha e beijus.

Cada vegetal tinha uma função ou mesmo várias utilidades, como já descrito, por exemplo, no caso da uruba, que tanto era usada para fazer a peneira quanto para fazer o tapiti. Mas diferente do tapiti, que foi substituído pela prensa, e não é mais produzido, a peneira ainda é feita e usada pelos Pataxó. Tempos atrás, além de servir para peneirar a massa da mandioca,

¹⁹ Espécie de taboca, uma planta que tem o caule oco, como o bambu.

para fazer farinha, também foi muito usada para peneirar cal, como vimos no relato de Dona Izabel.

Em outros casos, um mesmo produto poderia ser feito de diferentes matérias-primas como, por exemplo, a canoa, o arco e a flecha. A matéria-prima usada para fazer o arco e a flecha variava a depender de quem os produzia. Dona Rosa conta que via seu pai fazer os arcos, as flechas e a corda extraídos de uma mesma palmeira, o tucum, e que na flecha “botava pena de passarim”, para ela não “destraviar”. Já Dona Zabelê relatou que seu pai fazia o arco de pati, com a corda de embira. Seu Antônio Máximo (89 anos), que atualmente mora na Aldeia Pequi, lembra que, quando criança seu pai preparava arco e flecha de buri, de pati e “fazia de outras madeira também, a vez quando num topava o *pati* nem o *buri* pa tirar”. Tio Antônio Braz afirmou que seus pais faziam arcos de uma árvore conhecida como “cupuna”, “ela num cresce alta não, ela é baixa, agora ela é uma árvore lisinha”. Seu Nana disse que os arcos de seus pais eram de airi, “esse tucum que tem na mata, aquele tucum grosso, que tem um espinho mais de parmo de tamain”. Seu Nana relata que alcançou o tempo em que com airi os velhos também faziam grandes espadas. Já tio Antônio Braz conta que os velhos brincavam de Mouro, uma brincadeira em que dois grupos se encontravam para bater espada, cantando uma música.

As madeiras descritas pelos mais velhos como sendo usadas para a confecção de canoas eram a goiticica, o piqui, o angelim e a juerana, sempre extraídas durante a noite escura, para não dar broca. Provavelmente o uso de determinadas madeiras dependia da sua disponibilidade, já que a região havia passado por um grande processo de exploração madeireira. Dona Izabel afirma que seu pai fazia canoa de piqui e juerana, “pa vender, pa pescar. Era tirador de canoa meu pai. (...) meus ti tudo sabia tirar canoa, meu ti Emílio, meu ti Marcelo, meu ti João Vicente”. Quando lhe perguntei se seu pai também fazia o tapiti ou a peneira, ela respondeu que esses produtos ele já não fazia. Como podemos perceber, assim como nos dias atuais, cada pessoa tinha habilidade para confeccionar determinados objetos, sendo o mesmo saber, talento ou dom, às vezes, dominado pela maioria de um mesmo grupo familiar, provavelmente passado de pai para filho, ou por alguém mais próximo, como tios e avós.

A maioria dos velhos que entrevistamos não conheceu os bisavós, mas entre aqueles que os conheceram, e com eles conviveram, nem todos aprenderam a produzir o que eles dominavam. Dona Izabel, que é neta de Maria Correia e de Vicente Ferreira, disse não ter

conhecido seu avô, “Já a minha vó eu conheci, ela que chamava Maria Correia. Tava veinha já, o cabelo já tava todo branco. Eu tava muderna, tava com uns dez ano, era”. Ela conta que, além da tarrafa de tucum, da tanga de taboa e da peneira, sua vó “Maria Correia fazia mutia era rede pa botar os neto pa dormir [...] era de argodão, ela fiava o argodão, cabar tirava os cordão e botava pa fazer a rede. Eu mermo durmia na rede que ela fez...”. Dona Izabel diz não ter aprendido a tecer a rede.

A maioria das atividades extrativistas e produtivas realizadas pelos Pataxó destinava-se ao próprio consumo, ou à troca entre os parentes, apenas uma pequena parte sendo dirigida à venda, nos comércios vizinhos. Seu Antônio Máximo relata que “naquela época tinha muita encomenda, vendia muito, era o remo, era o samburá, era o chapéu, era a esteira”. Dentre os artefatos que os Pataxó produziam para venda estão também a canoa, a corda do tucum e o chapéu.

o chapéu é de uma palha que chama aricuri...aqueles pé de coco aqueles coqueirim. é daquele ali que o pessoal tirava o olho, lasca ele direitinho, bem lascadinho, cabar enrola ele, cabar cozinha pra fazer o chapéu com três dia em diente. Cabar bota no sol a palha ela fica alvinha, agora daí então que fazia a trança, fazia a trança pra fazer o chapéu. Agora tira um pedaço de pau faz forma pa fazer ... tira o fundo cabar pregou ali vai coseno, coseno, vai virando ela, até ficar a aba des tamain assim. Faz do tamain que a pessoa quer, fazer assim des tamain assim, faz grandão.(Antônio Máximo, Março de 2011)

Dona Zabelê disse que com seu pai aprendeu a fazer tanto a esteira como o chapéu, que era vendido em Caraíva “ia pra Caraíva com aquele monte de chapéu pra vender”. Dos recursos extrativos vegetais vendiam a piaçava e os panos da biriba, também conhecidos como estopa, predominantemente vendidos em Caraíva. A estopa é a entrecasca de uma árvore conhecida como Biriba. Seu Antônio Máximo afirma que eles vendiam em Caraíva para atravessadores que repassavam a mercadoria para outros compradores, que vinham de barco de outros lugares, inclusive de Salvador. Segundo ele, “a estopa era pa sair pa fora , gente vinha de fora comprar, vinha barco comprar aí na barra de Caraíva”.

Era através da venda de sua produção e extração que os Pataxó tinham acesso a produtos industrializados, tais como roupas, sal, açúcar, fósforo, dentre outros. Diferente de hoje, naquela época a aquisição desses bens era muito difícil e o trajeto percorrido pelos Pataxó

para a venda de seus produtos era exaustivo, pois o deslocamento era feito a pé, por grandes distâncias até as cidades e povoados vizinhos. Como não havia estrada para transporte, as caminhadas eram, geralmente, pela praia e também por trilhas pela mata, na maioria das vezes a pé e, em outros casos, sobre o dorso de um “animal” que suportasse o trajeto. Tal como já mencionado, esses deslocamentos asseguravam a comunicação dos Pataxó com o mundo externo. Seu Manoel Santana conta que:

“pra comprar roupa eles tirava o tucum, fiava aquele bolo assim, tem muler que fazia bolo de dois kilo, bolo de três kilo, tucum fiado, em um trabai brabo rapaz, e os home fazia gamela e botava tucum dento e fazia chapéu de paia de oricuri e botava na cabeça e saía daí madrugada e ia vender em Arcobaça é aí levava aquelas corda fininha pa vender tomem pa fazer linha e levava o tucum pa vender pa fazer rede e pa fazer tarrafa. Tudos es(eles) levava , aí es(eles) chegava vindia comprava as coisa saía de lá madrugada de novo, chegava aqui à barde oito, dez hora da noite aí in Barra Veá, levava os trem na cabeça na gamela e o que comprava os trem trazia na cabeça tomém”.(Manuel Santana, Aldeia Boca da Mata, Agosto de 2010)

Tanto a gamela quanto a canoa há muito tempo são produzidas pelos Pataxó, mas assim como os outros objetos citados não há estimativa, na memória do povo, passível de precisar quando começaram a confeccioná-los. Zabelê disse que seu pai além de fazer esteiras, chapéus e cestos também “tirava canoa” e fazia gamelas. A gamela que os mais velhos descrevem como sendo de antigamente, eram grandes, usadas como bacia para lavar roupas e para carregar mantimentos. Mas de madeira faziam também colheres e os coxim, uma espécie de gamela pequena.

Ao longo das décadas, com a introdução de novos elementos e saberes muita coisa mudou, e muitos desses produtos também foram sendo transformados: em alguns caos foram agregadas novas matérias-primas na produção. Outros produtos tiveram finalidades ampliadas, sendo produzidos também para a venda, tais como o cocar, a tanga e o arco e flecha; outras persistiram apenas na memória, não sendo mais produzidos nos dias atuais, como é o caso do tapiti e do abano, usado antigamente para manter o fogo aceso. Seu Pedro, em uma conversa na Aldeia Águas Belas, disse que hoje não precisam mais do abano, pois a maioria dos Pataxó já possuem fogão a gás

Muitos pataxós trazem, na memória, a aprendizagem dos produtos que lhes foram ensinados e também daqueles que viram os mais velhos confeccionando, não desaprenderam. Assim, as pessoas que não produzem mais, por diversos motivos, o que produziam antigamente, não

perderam o saber. O interessante é que, em alguns casos, o fato de participarem ou somente acompanharem, observando, a produção por parte dos mais velhos lhes garantiu o aprendizado, de modo que mesmo aquelas pessoas que nunca fizeram determinados objetos, têm o domínio do modo de fazer. Por exemplo, Seu Sebastião diz que nunca fez esteira, mas garante que sabe fazer. Aprendeu observando outras pessoas. Segundo ele, “o pessoal fazia direto, minha vó, quais todo mundo fazia esteira, era o que mais os índio vivia em Barra Velha ali.” Atualmente poucas são as famílias que ainda fazem esteiras, alguns casos assemelhando-se ao de seu Sebastião, isto é, sabem fazer, mas nunca fizeram. Há, porém, outros que deixaram de fazer. De acordo com os dados coletados, a esteira, bem como os outros produtos aqui já mencionados, eram produzidos pela maioria das pessoas, o que permite concluir que até um determinado período a produção era mais intensa. Tudo indica que com a efetiva atuação do IBDF no então Parque Nacional do Monte Pascoal, na década de sessenta, proibindo o usufruto do território Pataxó pelos seus legítimos donos, essa produção tenha reduzido. Mas é importante notar que, embora reduzida, ela persistiu.

Guaximar, que mora na aldeia Barra Velha, conta que, na década de setenta, com a instalação de um posto indígena da Funai na sede da Aldeia Barra Velha, um chefe de posto chamado Leonardo Machado, ao constatar a grande necessidade experimentada pelos Pataxó, os incentivou a produzir “colares para venda” como uma alternativa para a subsistência.

Embora essa época seja muito citada como a época em os Pataxó passaram a se dedicar a atividades direcionadas para o turismo, “com a produção e comercialização do artesanato indígena” (CARVALHO, 1977) (CESAR, p. 2002), (GRUNEWALD, 2001), o turismo não pode ser considerado como um referencial para marcar o período em que os pataxó começaram a produzir seus objetos, adereços, etc. Pois, como foi possível observar nos relatos dos mais velhos, desde tempos antigos essa produção já era constante na vida dos Pataxó, e a venda desses materiais também, embora em pequena escala e na maioria dos casos através de encomenda.

É claro que não se pode deixar de considerar que o turismo tenha influenciado, intensificando a produção e a venda, mas também não podemos deixar de mencionar que muitos desses produtos que passaram a ser vendidos para os turistas já eram feitos pelos Pataxó antes desse período, portanto para uso interno. Portanto, dizer que o “artesanato Pataxó é uma tradição criada como alternativa econômica diante de uma demanda turística emergente na década de

70” (GRUNEWALD, 2001, p. 210), implica generalizar excessivamente a produção Pataxó. E desconsiderar o conhecimento dos mais velhos, assim como negar a relação que os objetos têm com a identidade do povo. Não podemos negar que muitos dos produtos manufaturados antigamente foram readaptados para a venda a partir do turismo e, provavelmente, uma nova produção também tenha surgido, mas isso não pode ser generalizado como o “princípio da criação” dos “artesanatos” Pataxó.

É possível que a venda de alguns produtos, tanto para a população da região quanto para os turistas, tenha contribuído para a persistência de muitos objetos produzidos pelo Pataxó, pois uma vez que não tivessem mais utilidade ou fossem substituídos por outros, deixariam de ser produzidos, como pode ter sido o caso do tapiti, que era usado para enxugar a massa de mandioca e foi substituído pela prensa, em face da improvável ocorrência de demanda externa ou da economia de tempo acarretada pela prensa. É claro que não devemos descartar outros motivos que também possam ter levado ao desaparecimento de certos itens, por exemplo, a falta da matéria-prima utilizada.

Dos mais velhos que, aqui, foram citados, alguns, tal como já referido, aprenderam com os avós e com outros parentes. Seu Antônio Máximo diz que, por muito tempo, fez canoa, tanga de taboa, mas deixou de fazer quando a idade foi avançando. Seu Sebastião por muito tempo também, fez tanga, contudo, depois que se tornou mais velho, não produziu mais. Dona Zabelê era uma das últimas Pataxó que ainda produzia a trança feita com a palha do aricuri, usada tanto para fazer cocar quanto para fazer o chapéu, mas a escassez da matéria-prima, nos últimos anos, tinha começado a afetar, negativamente, a sua produção.

1.6 RELATOS DOS MAIS VELHOS SOBRE O USO DOS ADORNOS

O uso de adereços entre os Pataxó, de acordo com a memória dos mais velhos, também remete a um passado distante, porque essa memória não responde à questão de quando começaram a usá-los. Uma hipótese é certa: não os usavam o tempo todo, mas em determinadas e variadas situações. O cocar e a tanga que, atualmente, constituem grandes marcas dos adornos do povo pataxó, são dois dos adereços mais citados pelos mais velhos. A

maioria dos mais velhos entrevistados relatou que a produção da tanga e do cocar sempre foi presente na vida de seus pais e avós, sendo de maior domínio da maioria a produção da tanga do que a do cocar.

Seu Sebastião afirmou que, quando era criança, na década de quarenta, o pessoal se adornava sempre que havia festa em Barra Velha, ou seja, festa de reis, em seis de janeiro; Conceição, em dezembro, e São Sebastião, em vinte de janeiro. Mas o seu uso também não era geral, ou seja, nem todos usavam: seu Sebastião afirma que ele mesmo não usava e, estabelecendo uma comparação com os dias atuais, diz que “é igual aqui mesmo, hoje em dia tem muitos índio que num gosta de usar. O povo que usava mais era o pessoal que morava na sedia mermo de Barra Velha, quando era tempo de festa agente vinha”. Nessa época havia um padre que frequentava a aldeia e fazia os batizados, era o “padre Emiliano”. Seu Sebastião lembra bem dele e afirma que ele gostava de ver os Pataxó trajados.

Sobre o uso do cocar pelos mais velhos na época das festas, o mesmo seu Sebastião diz que “sempre era com pena, porque os índio gosta desse “negoço” de pena, gosta de trem enfeitado, né”. As cores das penas “era mais vermeia, sabe que o índio tem um negoço com vermei que eu não sei”. Ele disse que “corava com tinta do mato, tinha esse negoço de comprar tinta não. Tinha aquelas madeira que dava aquelas tinta”. Dona Izabel relata que, criança, via o pessoal da aldeia fazer cocar de aricuri, “fazia as trança pra enfiar de pena”. Zabelê, por sua vez, revelou que colocavam pena de “passarim do mato: de Jacupemba, de papagaio, de capoeira, macuco que naquela época ninguém embargava nada, tirar bicho do mato né” .

Provavelmente, antes do contato com os não índios, os Pataxó, a exemplo de outros grupos indígenas, também usavam, em suas festas e comemorações, os adereços corporais. Com o aldeamento e o contato com o catolicismo, misturaram as festas de comemoração da igreja com suas tradições, e o uso dos seus adornos passou a fazer parte das festas realizadas nas festas dos santos da igreja celebrados na aldeia. Ainda hoje, em Comuruxatiba, os Pataxó fazem uso dos adornos na festa de São Sebastião, no mês de janeiro.

Dona Tereza, que atualmente mora na aldeia Trevo do Parque, relata a impressão de uma festa da qual participou, pela primeira vez, quando retornou à Barra Velha, depois de seis anos morando fora da aldeia, após o fogo de 51. Nessa festa, ela relata que os pataxós estavam

usando tangas, braceletes e tornozeleiras, mas não portavam cocares. Dona Tereza não sabe com precisão quantos anos tinha na época, mas provavelmente ela teria menos de 13 anos, pois declara que ainda não havia se casado. Essa festa não parece estar relacionada aos dias dos santos, mas a outra festa ou “brincadeira” Pataxó:

 aí nós foi brincar esse awê, aí tinha um cochão de cauim assim e aquela tora de pau que tava lá, a gente ia dançando o awê , pulava daqui, pulava dali, chegava junto daquele pau a gente ajuelhava e ali por de traz cê tinha um monte de palha assim, aí aquela mulher saía de lá... saía de lá com um copo de cauim aí dava pa gente beber , agente bibia aquele cauim ali tudo, e ali agente começava a dançar de novo né, começava a dançar e começava a rudiar aquele pau , diz que era o tupã da gente ali, ali a gente brincava, ali rudiava e bebia cauim aí a gente tornava cantar de novo, condo terminava de cantar, aí a mulé vinha de novo de lá com aquele copo de cauim e depois que agente saiu, cabou de brincar, que agente foi discubrir tinha um cocho assim, parecendo tipo uma canoa assim, lá do lado assim chei de cauim e agora aquele cauim ali tinha garapa de cana, mas era tampado com folha de banana né, botava uns pau assim e botava as folha de banana assim. (Dona Tereza, Aldeia Trevo do Parque, Março de 2011)

Na memória dos mais velhos os adornos sempre estiveram presentes, nas ocasiões festivas. Assim como nos dias atuais, tanto os homens como as mulheres os portavam. Seu Antônio Máximo comentou que, no tempo em que era jovem, o pessoal da aldeia “usava quando era o dia da brincadeira, de festa né, a gente vistia aquilo pra brincar, num era só um nem dois aí era todo mundo” É bom lembrar que o Awê e o cauim também faziam parte dessas festas e do cotidiano dos Pataxó. Numa conversa com Seu Pedro, neto da Dona Maria Emília, que atualmente mora na Aldeia Boca da Mata, ele começou a falar da sua avó e a contar algumas coisas da sua convivência mútua:

 diz ela que o pai dela tinha o canto do awê ... eu gostava de ouvir awê sempre hoje eu gosto né , ... cantar o awê, nós dançava ... do tempo que tinha esse awê ela fazia um coxo de cauim grande assim de uns cinco metro e dois metro de fundura e deixava aquele trem fazer o cauim ,... deixava azedar três dia pa dá os irmãos .” (Seu Pedro, Aldeia Boca da mata, janeiro de 2011)

Diferentemente dos outros povos indígenas na Bahia que denominam suas danças de Toré, o povo pataxó não as denomina toré, mas awê, “assim, referem-se ao Awê como dança exclusiva e tradicional Pataxó. Algumas pessoas mais jovens usam, de vez em quando, a palavra toré, principalmente em Coroa Vermelha, mas o termo é constantemente corrigido

pelos mais velhos. Volta e meia, quando referem ou comentam alguma coisa sobre o awê, trazem essa reflexão. Seu Pedro, ao falar sobre o awê que sua avó fazia, observou “que o pessoá fala que aqui chama toré mais num é toré é awê, no tempo do meu avô era o awê”.

1.7 POR QUE PARA FALAR DE ASSUNTOS TÃO ATUAIS SERIA NECESSÁRIO VOLTAR AO PASSADO?

Todo esse percurso histórico produzido pelos mais velhos e também pela historiografia é para que compreendamos o trajeto do povo Pataxó, o modo como viviam antigamente, as lutas que enfrentaram e que refletem no seu modo de vida atual. É para que possamos compreender o seu modo de agir, de lutar, de desconfiar, de ficar calado, de falar e, sobretudo, de sobreviver.

A produção de antigamente nos mostra o rico conhecimento que os mais velhos têm da natureza, do meio ambiente e, principalmente, da vegetação que faz parte do seu território, pois demonstra a relação de proximidade que eles sempre tiveram com o lugar em que sempre viveram. Observamos também que a produção dos Pataxó não é fruto de um aprendizado recente, mas um saber que vem de gerações e que se perpetuou até os dias de hoje, como será possível demonstrar nos próximos capítulos.

2 - ADEREÇOS PATAXÓ HOJE



2.1 MUDANÇAS E POVOS INDÍGENAS

Apesar de haver transcorrido significativo tempo que Colombo aportou na América, a imagem do “índio” que está impregnada na cabeça de muitas pessoas é ainda aquela mesma construída por Colombo há mais de 500 anos, quando chegou à América e rotulou as diferentes nações americanas como um “único povo”: “índio”. Os portugueses, por sua vez, também deram a sua contribuição. Considerados, pela maioria dos não índios, como descobridores da terra que hoje é chamada de Brasil, e por nós, povos indígenas, como os primeiros invasores, foram os principais responsáveis pela composição da imagem do “índio brasileiro”: nu, selvagem e preguiçoso. Com o passar dos anos a essa imagem foram agregados, cada vez mais, estereótipos e “pré-conceitos” ao Índio, generalizando-se, crescentemente, os diferentes povos aqui existentes e negando-se, conseqüentemente, a sua diversidade linguística e cultural.

Apesar de todo esse emaranhado de preconceitos e estereótipos que o termo Índio ainda carrega, para os povos indígenas ele foi ressignificado e relacionado ao novo contexto político-cultural, e conseqüentemente afastado da imagem deixada por Colombo. Com a aceitação da autoafirmação da sua identidade pelo movimento indígena, “o ser índio” passou a ser fonte de autovalorização do “Nós tribal” (CARDOSO, 2000, p.18). Todavia, a velha imagem do índio selvagem e enfeitado com seus adornos ainda é bem presente, no senso comum, ainda que grande parte da população brasileira tenha acesso ao rádio, televisão, internet e a outros meios de comunicação.

Como povos indígenas, em pleno século XXI, nós nos deparamos, muitas vezes, com situações constrangedoras. E embora pareça um assunto já ultrapassado, ainda hoje é possível constatar, nos meios acadêmicos, e mais ainda entre a população em geral, uma concepção estática das culturas dos povos indígenas. Mudanças, empréstimos, criações e invenções, mesmo no âmbito do contexto histórico brasileiro, parecem ainda não caber nas mentes das pessoas em relação aos povos indígenas.

A noção de pureza também ainda é tomada em consideração quando se fala de culturas indígenas. Mas, qual cultura é pura? Quais são os povos e etnias que não criam, inventam os seus modos de existir? Como poderia haver culturas, não fora a criação, a invenção? Ainda não compreendo como certos estudiosos reagem, negativamente, a certas mudanças socioculturais.

Hoje, de norte a sul, de leste a oeste do Brasil, diferentes povos indígenas passaram, e passam, por inúmeras transformações, políticas, culturais, sociais, econômicas e artísticas devido aos inúmeros acontecimentos históricos que presenciaram e vivenciaram, mas, aparentemente, a sociedade brasileira, de um modo geral, não consegue compreendê-las. A ideia que ainda prevalece é que para persistir como “índio”, o indivíduo deve estagnar, para conservar uma espécie de essencialismo primordial. Sobre esse assunto, Fredrik Barth afirma que distinções de categorias étnicas não dependem de uma ausência de mobilidade, contato e informação. “As fronteiras persistem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam” (BARTH, 1998, p.118)

O conceito de índio aculturado por muito tempo sustentou a ideia de que os povos indígenas perdiam as suas culturas quando inseriam aos seus contextos culturais elementos das sociedades não indígenas. A experiência fez perceber que essa ideia não se sustentava, mas a força do conceito de aculturação produziu seus frutos e ainda reverbera na consciência, e na voz, do povo brasileiro. Esse pensamento é decorrente de um “discurso nacionalista” (ACHUGAR, 2006, P.161) e integracionista que tentou esconder a diversidade cultural existente em nosso país e, assim, “extinguir” muitos povos indígenas que mantiveram, por muitas décadas, contatos também com outros povos e etnias que se deslocaram, e em certos casos foram transplantados, para o Brasil através da colonização. Ou talvez esse déficit compreensivo resulte do desconhecimento histórico em relação a essas populações.

Hoje, no Brasil, é comum ouvirmos questionamentos que colocam em dúvida a autenticidade e identidade de muitos povos indígenas que convivem, há algum tempo, com não indígenas e têm experimentado mudanças. Antes, esse preconceito era mais direcionado aos povos indígenas que vivem na região nordeste, mas mediante os diálogos que temos tido com outros povos e através da própria mídia, que tem escancarado esse olhar, vemos que essa concepção equivocada se estende a todos os povos indígenas que já introduziram na sua cultura elementos exógenos, tais como roupas, língua, dentre outros. Aparentemente, para a sociedade brasileira ser índio é ainda um estado inextricavelmente ligado ao passado, portanto algo inevitavelmente estático.

É importante considerarmos que, para entender o presente, é preciso conhecer e reconhecer o contexto histórico que esses povos percorreram.

Por se concentrarem apenas em duas das muitas questões elaboradas por Barth, os estudos sobre os índios do Nordeste negligenciam aspectos importantes da realidade vivida por esses grupos. Assim, deixam de fora a experiência da história tal como foi vivida pelo grupo, bem como o processo de criação e recriação dessas identidades. Ora, é exatamente por negligenciar a dimensão de uma história efetivamente vivida, que essas abordagens passam a perceber os *traços diacríticos* – a *cultura inventada* – como resultado de uma posição reativa às demandas do Estado (dos turistas e de outros infimos atores que os circundam, com os quais mantêm contatos). (CASTRO, 2008 p.56)

A ideia que é passada é que esses povos, ao buscarem reconhecimento dos seus direitos, principalmente territoriais, junto ao Estado, estariam buscando também o aval da identidade étnica como índio, como se não o fossem. É preciso considerar que cada povo passou por momentos históricos distintos e viveu situações diversas, e, muitas vezes, são inseridos em categorias que os colocam em um só *samburá*. Não cabe mais dividir o Brasil indígena territorialmente para distinguir “os índios de verdade” e os “índios misturados” ou, como a antropologia queira classificar, os “índios do nordeste” em contrapartida a outros povos indígenas, principalmente da região norte.

A tendência a classificá-los em separado, como grupos emergentes, ressurgidos, ou mesmo remanescentes tem, portanto, o inconveniente de converter categorias criadas para descrever processos sociais históricos em categorias de identificação, que assim perdem seu dinamismo e sua historicidade, para denotarem uma qualidade ou uma substância. O passo seguinte e segundo inconveniente seria considerar que tal qualidade diferenciada os colocaria em uma segunda categoria de índios, justamente de índios de segunda categoria, índios que seriam menos índios. (ARRUTI, 2006 p. 50)

As mudanças socioculturais sempre existiram e, presentemente, fazem parte da vida de muitos povos em diversas partes do território brasileiro, não constituindo uma característica exclusiva dos índios que geograficamente habitam a região nordeste. Porém, essa divisão só reforça a ideia de que os índios que vivem na região do nordeste brasileiro são os únicos em contato com a dita “civilização”, os únicos a estabelecerem relações interétnicas e a sofrerem preconceito por não atenderem à expectativa do estereótipo do índio brasileiro.

Temos ouvido referências aos índios do nordeste como povos que vêm praticando resgates culturais, revitalizações e etc, ou como queiram denominar a dinâmica sociocultural. Porém, o que é interessante notar é que esse é um fenômeno recorrente em várias regiões no Brasil,

posto que é, cabe enfatizar, um fenômeno inelutável. Muitas denominações têm sido atribuídas a esse fenômeno, tais como resgate, invenção, revitalização, retomada que, conforme já enfatizamos, não se limita ao nordeste, tampouco ao contexto brasileiro, mas se estende ao contexto mundial.

O cenário mudou e, nos distintos contextos em que vivem atualmente os diferentes povos, eles têm encontrado espaço para valorizar os seus modos de ser e viver, e por isso se reorganizam constantemente.

2.2 DINÂMICAS NOS ADEREÇOS PATAXÓ

Os Pataxó denominam adereços aos diversos adornos usados para enfeitar o corpo: cocar, tanga, colar, bracelete, tornozeleira, pulseira, brinco e cinto. Antes de aprofundarmos este assunto, é conveniente observarmos e compararmos os adereços que os Pataxó estão usando nas duas fotos que seguem:



Figura 8- Barra Velha, década de 80. Arquivo do Grupo de Pesquisa Pataxó, cedidas por Moacir.



Figura 9- Jogos Pataxó de Coroa Vermelha. Abril de 2010. Autora Arissana Braz Bomfim de Souza

Como já vimos anteriormente, a produção Pataxó de objetos, seja para venda ou para uso próprio, sofreu diversas interferências desde os primeiros contatos, seja com índios ou com não índios. Assim também os adereços usados ao longo dos últimos anos vêm, a cada dia, trazendo inovações e incorporando novas criações. Muita coisa mudou nas últimas décadas. As mudanças nos adereços são visíveis, foram ganhando mais cores, novos materiais e matérias-primas foram agregadas, e esse é um fluxo contínuo que não parou e provavelmente não será interrompido. Porém, muita coisa persiste entre os Pataxó, principalmente o saber repassado pelos mais velhos que está mantido na produção do presente.

Dois adereços sempre foram fundamentais para uso entre os Pataxó: a tanga e o cocar. Os demais, como braceletes, colares, brincos sempre variaram, de pessoa para pessoa, desde a opção pelo uso ou não na composição do traje. Embora atualmente tenha ocorrido inovações nos adereços, os Pataxó prezam manter, na produção, a utilização da maior parte das matérias-primas, sempre estando presentes as palhas, penas e fibras. É importante estarmos atentos para o fato de que as inovações que os Pataxó, ao longo das últimas décadas, vêm introduzindo em seus adereços, resultam de um saber ensinado e aprendido com os mais velhos, fazem parte da tradição Pataxó, como vimos no capítulo anterior, ou seja, é a memória do passado que traz referências para o presente. As mudanças e inovações só são, e foram, em muitos casos, possíveis devido ao seu grande conhecimento na extração de vegetais, como já citado, ou seja, se não fosse esse saber prévio repassado de pai para filho, muitos adereços,

hoje, não seriam inovados com a agregação de matérias-primas já conhecidas e extraídas pelos Pataxó para outros fins.

Baseada nos relatos, posso afirmar que, durante o século XX, as tangas usadas pelos Pataxó eram feitas de taboa, tanto para homens quanto para mulheres e crianças, tangas curtas, geralmente usadas acima dos joelhos. Porém no século XXI, eles começam a usar uma tanga feita da entrecasca da árvore Biriba, mais conhecida como tanga de estopa. Só que essa estopa, como vimos no capítulo anterior, já era, há muito tempo, extraída e usada pelos antigos para cobrir o local onde dormiam e, para alguns, também para cobrir o corpo. Era comum extrair-se a fibra para venda. Presentemente, a estopa ganhou espaço e é usada pelos Pataxó de todas as aldeias. A tanga de taboa ainda continua sendo usada, na maioria das vezes por crianças e, com raras exceções, por adultos, embora seja a mais produzida para a venda externa, ou seja, para turistas.

A preferência dos Pataxó em usar a tanga de biriba ou estopa decorre da maciez e mobilidade que ela propicia. Embora o modo de extração das matérias-primas seja diferente, o modo de tecer as duas tangas é o mesmo.

Nos cocares usados pelos Pataxó, desde o século XX, já havia variedade tanto na matéria-prima quanto nos modelos. Essa variedade prosseguiu durante o século XXI.

Nas fotos que seguem, temos um exemplo dessa mudança:



Figura 10 Aldeia Barra Velha, década de 80. Arquivo do Grupo de Pesquisa Pataxó, cedidas por Moacir.



Figura 11- Jogos Pataxó de Coroa Vermelha, abril de 2010. Autora Arissana Braz Bomfim de Souza

Como é possível observar através dessas fotografias, os adereços que acompanham a tanga e o cocar, tais como braceletes, tornozeleiras, pulseiras, cintos, brincos e colares passaram a ser usados, pela maioria das pessoas, na composição de todo o traje. Esses adereços são os que mais têm inovações, com novos materiais e novos modelos, a cada ano. Antes eram muito usadas as tranças de aricuri, a taboa, sementes e penas, no entanto, nos dias atuais foram agregados linhas de algodão e barbante, dentre outros que serão detalhados nos próximos capítulos. Às vezes são criados, de maneira simultânea, diversos modelos por diferentes pessoas, porém nem todas essas novidades são incorporadas pelo grupo. Há aquele modelo que a maioria gosta mais e passa a ser adotado por todos, transformando-se em referência para o povo. É importante notar que o criador do novo modelo muitas vezes nem é notado, ou melhor, nem se sabe quem o criou, mas rapidamente, o novo modelo é apropriado por todos. Assim, a criação deixa de ser individual e passa a ser do coletivo. Há também aqueles modelos novos que são criados, mas não vão adiante, não são adotados pelo povo.

Os colares, por exemplo, não obstante continuem sendo produzidos de sementes, muitos modelos novos estão sendo desenvolvidos, principalmente aqueles feitos exclusivamente para uso dos Pataxó, não levando em conta a produção para a venda externa, mas tão somente para uso nas festas indígenas e em outros momentos rituais. Os colares usados pelos jovens da Foto 11 são feitos e comercializados entre os próprios Pataxó, sendo bem diferentes dos

colares produzidos para comercialização externa. É um modelo que está no auge de sua produção e é usado tanto por homens quanto por mulheres, seu preço variando de trinta a setenta reais, a depender do tamanho.

Como já mencionado, algumas mudanças às vezes são também favorecidas através do contato com outros grupos indígenas, principalmente nos dias atuais em que é muito comum acontecer, em diversos ambientes, eventos, seminários e movimentos que reúnem mais de um povo indígena. Essas ocasiões sempre resultam em trocas, empréstimos e apropriação de diferentes saberes, principalmente os de adereços que, em geral, ficam mais expostos e visíveis. Às vezes a troca não é necessariamente estabelecida através de um objeto, mas simplesmente através da visualização e, na sequência, retenção pela memória de um determinado objeto ou detalhe, que acaba sendo reapropriado por outros grupos. Sendo o adereço ou um detalhe dele depositado na memória e confeccionado de acordo com o contexto da sua nova produção, ou seja, de acordo com a matéria-prima disponível no novo ambiente, ele acaba ganhando uma nova identidade, como é o caso do palito de cabelo feito pelos Pataxó.

O palito para prender o cabelo, antes, era simples, sem penas, sendo apenas um palito de madeira com alguns desenhos ou detalhes esculpido na parte superior, e atualmente, de alguns anos para cá, foram acrescentadas penas na parte superior, juntamente com um “rabo” decorado com penas e sementes. Suponho que esse acréscimo tenha sido decorrente desses contatos com outros povos que já faziam palitos decorados com penas, como é o caso dos Wai-Wai, povo da família Karib, que vive na fronteira do Pará com o Amazonas, em Roraima e na Guiana, que produz bastante desse tipo. Seus

palitos, no entanto, são decorados com penas de cores naturais, geralmente de arara. Embora os Pataxó tenham imitado esse novo modelo de



Figura 12- Criança Pataxó durante os Jogos Pataxó de Coroa vermelha, abril de 2010. Autora Arissana Braz Bomfim de Souza

palito, podemos dizer que esse pequeno adereço, adaptado ao novo contexto, ganhou uma nova identidade, Pataxó, agora decorado com penas de galinha, tingidas de anilinas, podendo ser encontrado em várias cores. E dos palitos agora também colocam borrachas e prisílias para prender o cabelo, como vemos na figura 12.

Além de favorecer a apropriação de adereços de outros povos indígenas, esses encontros também despertam para a valorização e busca do que é próprio de um determinado povo, como foi o caso da participação de alguns pataxós nos eventos dos jogos indígenas nacionais.

Conversando com Aratibaia, também conhecido como Loro²⁰, um artista Pataxó que produz inúmeros adereços para o seu próprio uso e também para comercializar, ele comentou um pouco sobre a valorização do que é próprio de cada povo suscitada pela participação nos jogos indígenas. Por ocasião do primeiro convite para participação dos Jogos Indígenas de âmbito nacional, os Pataxó julgaram tratar-se de um campeonato de futebol. Desse modo não levaram consigo qualquer adereço. Chegando ao local, constataram que os Jogos Indígenas Nacionais não constituíam um campeonato esportivo, mas um evento esportivo e cultural. Despreparados para fazer qualquer tipo de apresentação, “eles entraram na arena só de short, teve que comprar cocar na mão de outros parentes (...), alguns com cocar, outros sem cocar (...)”. De volta à aldeia, aquelas pessoas procuraram Loro para ajudá-las na elaboração dos adereços para as próximas participações. Vale observar que esse exemplo não significa que os Pataxó já não usavam ou produziam os seus adereços, mas que aqueles primeiros participantes nos Jogos Indígenas Nacionais não sabiam do tipo de traje que era exigido para o referido evento. Vale destacar que desde sempre os Pataxó tiveram seus adereços e cuidados especiais com a indumentária, conforme podemos constatar neste depoimento do próprio Loro, referindo-se às práticas em Barra Velha:

Tudo que eu aprendi foi de lá pra cá, já vim de lá pra cá com isso. Só que quando cheguei em Coroa Vermelha, era uma área que morava o índio mas num não era registrada como área indígena. E daí que tudo adormeceu ficou aí, impactou ali, fazia aquele movimento só comemorava dia do índio e nem todos se organizavam igual organiza hoje, daí pra cá ficou, mas depois do, de 2000 pra cá começou a fazer os jogos. Agente começou a, daí, começar a fazer os adereços, buscar melhorar eles e tá até hoje aí, faz bastante, faz pra outras aldeias pra uso e o povo já reconhece o trabalho da gente. Até como etnia hoje, se agente for participar de qualquer movimento indígena agente é reconhecido, pelo adereço, pela pintura é

²⁰ Ver Figura 16

reconhecido.(Loro, Aldeia Coroa Vermelha, Março de 2011)

É claro que temos de considerar que nem todos os Pataxó têm igual domínio da produção artesanal, por isso foram procurar Loro, que há muito tempo produz adereços. Essa, no entanto, foi a única vez em que os Pataxó foram despreparados, passando a ser um dos povos de grande destaque nos Jogos, em decorrência dos seus adereços e músicas. Loro relata ainda que:

[...] foi um aprendizado muito grande pra eles, eles viu, só assim eles valorizou o que nós fazia na nossa comunidade, quando eles voltaro a primeira pessoa a procurar foi eu, foi Mero, (...), daí pra cá a gente começou a participar, a primeira vez que eu participei eu fui, a gente já levou o material que a gente já usava (...) e da terceira vez já que o Pataxó participou, já consegui padronizar os cocar, e daí pra cá pronto.(...) Na terceira participação dos jogos, a gente já conseguiu já padronizar o nosso material e daí pra cá foi pegando um respeito né, é tanto que em Fortaleza teve um cara da Funai que, eu não sei o nome dele, foi fazer uma entrevista comigo, como que a gente conseguiu assim, levantar rápido, pegar os jogos da maneira que tava indo e a gente conseguiu pegar o ritmo muito rápido, aí eu tava falando, que a gente já trabalhava com a questão cultural, as primeiras pessoas não participavam, mas foi um aprendizado muito grande pra eles porque quando eles foro já que voltaro, eles soube valorizar o nosso trabalho, procurou a gente. (Aratibaia-Loro, Coroa Vermelha, Março de 2011)

As trocas de adereços nos encontros entre povos indígenas são muito comuns nos dias de hoje. Os Pataxó também trocam: trazem e também proporcionam que outros levem os seus adereços. Alguns povos levam-nos para tê-los como lembranças, outros levam e passam a usá-los, apropriando-se e passando a usá-los em suas festas. Indivíduos de outros povos indígenas na Bahia, como Tupinambá e Pataxó-hã-hã-hãe, já adotaram alguns dos modelos de adereços usados pelos Pataxó, principalmente os dos cocares. É comum encontrarmos pataxós-hã-hã-hãe e tupinambás usando-os nos eventos e encontros. Atualmente, os cocares feitos pelos Pataxó são, em sua maioria, produzidos de penas de galinha e de pato, mas não é muito difícil também encontrar um pataxó



Figura 13 – Jovem Pataxó durante os Jogos Pataxó de Coroa Vermelha, abril de 2012. Autora Arissana Braz Bomfim de Souza

usando um belo cocar com penas de arara ou papagaio, geralmente comprado ou trocado com outros povos. O interessante nesse caso é que, nesses últimos anos, os pataxós, ao adquirirem esses cocares, os adaptam, transformando-os em um cocar Pataxó, mediante o acréscimo das tranças de aricuri com grafismo próprio, como é possível observar na figura 13. Mas há ainda pataxós que, adquirindo um cocar de outro povo, usam-no sem fazer qualquer tipo de interferência. Esses cocares com penas de arara e papagaio são adquiridos principalmente quando os pataxós saem da aldeia e se encontram com outros povos, mas de vez em quando índios de outros povos, principalmente do Parque Indígena do Xingu, aparecem em Coroa Vermelha oferecendo seus produtos, inclusive cocares. E, ainda que tenhamos destacado os braceletes, pulseiras e cintos como os que mais possibilitam inovações e agregação de materiais novos, os cocares também não podem deixar de ser mencionados, em face da diversidade, já existente no passado e, com as inovações, o seu número cresce ainda mais.

É claro que, em meio a essas mudanças e inovações, há resistências por parte de alguns índios, principalmente quando são agregados materiais industrializados visivelmente perceptíveis na ornamentação do corpo. Ou usadas cores que se afastam um pouco do padrão costumeiro. Assim, o próprio povo acaba por avaliar as novidades que vão aparecendo, tendo como referência os adereços usados no passado. Há ainda aquelas pessoas que se dispõem a afirmar o que seria ou não Pataxó, dentro de sua concepção. Exemplo disso é o que presenciei na aldeia Pé do Monte: um pataxó afirmando que o cocar autenticamente Pataxó era composto de uma coroa de palha de aricuri com uma única pena grande, atrás. Outra pataxó, na aldeia do Trevo do Parque, elegeu o cocar só com penas pretas. Dessa forma, percebemos que há uma variedade de concepções do que seria ou não Pataxó, tendo em vista a variedade de cocares e matérias-primas usadas na produção deste e de outros adereços. Geralmente a resistência à inovação procede, na maioria dos casos, de alguns mais velhos, mas acaba desaparecendo quando várias pessoas aderem àquele novo modelo. A juventude, ao contrário, recebe essas mudanças com mais facilidade e mesmo as promove.

2.3 OS ADEREÇOS NOS JOGOS PATAXÓ DE COROA VERMELHA

Coroa Vermelha é, atualmente, uma das aldeias Pataxó que concentra o maior número de

famílias, tendo um fluxo constante de pataxós de várias aldeias que ali passam pequenos períodos para comercializar artesanatos, visitar parentes, ao passo que outros passam temporadas maiores, no intuito de conhecer a aldeia ou lá trabalhar. É uma das aldeias que mais recebe imigrantes pataxós, e esse número vem aumentando ano após ano. Muitos vêm em busca de melhoria de vida, na maioria por influência de outros parentes próximos que moram, há mais tempo, no local. Suponho que alguns projetos que chegam a Coroa Vermelha como, por exemplo, a construção de casas, também influencia o fluxo.

Por ser Coroa Vermelha um ponto turístico, com belas praias e localização em área urbana, a migração de não índios também é notória, principalmente de pessoas que têm parentes casados com pataxós. Em meio a todo esse fluxo, os pataxós de Coroa Vermelha orgulham-se por manter essa identidade bem definida, buscando, sempre, dentre outras iniciativas, a realização de eventos e encontros internos, com o objetivo de fortalecer a sua cultura e sua identidade. Um desses eventos, talvez o que mais tem se destacado ao longo dos últimos dez anos, são os Jogos Pataxó, que acontecem na Aldeia Coroa Vermelha, desde 2000.

Os Jogos Indígenas Pataxó constituem um evento esportivo e cultural baseado nos jogos indígenas nacionais. Ocorrem anualmente, na semana que antecede o dia do índio, geralmente entre os dias quinze e dezenove de abril. Inicialmente, as equipes eram formadas apenas por membros da comunidade de Coroa Vermelha, depois a participação foi crescendo, já que foram criadas condições para patrocinar a vinda de membros das outras aldeias pataxós, bem como de outros povos indígenas na Bahia. Nos primeiros jogos realizados em Coroa Vermelha, prevalecia uma modalidade de pontuação que avaliava as equipes consideradas mais bonitas, tomando como critério os adereços. Isso mobilizou as equipes, que se preparavam previamente para as apresentações. Mesmo depois que essas categorias de avaliação e modalidade de pontuação deixaram de ser observadas, as equipes continuaram a se esmerar na ornamentação dos corpos, para se destacarem como a mais bonita e organizada. Assim é que, a cada ano que passa, os adereços Pataxó vão ganhando mais detalhes, mais cores e também novos materiais na sua composição.

Embora haja diversos lugares de usos dos adereços entre os Pataxó de Coroa Vermelha, resolvi focar nos jogos Pataxó, por constituírem um evento que mobiliza toda a aldeia, principalmente o comércio interno de adereços. Outro fator importante é o uso dos adereços durante todo o evento, principalmente no decorrer das modalidades esportivas, uma regra

imposta a todos os participantes. Enfim, tal como já explicitado, trata-se de um momento em que os Pataxó se produzem bastante, fazem questão de estar bastante bonitos e de introduzir inovações, pois as equipes participantes se dedicam à produção dos adereços, buscando sempre introduzir algum detalhe novo passível de destacar cada equipe, distinguindo-a das demais.

Para quem tem a oportunidade de ver os pataxós usando, constantemente, seus adereços, tais inovações podem ser recebidas como uma mudança radical ou até mesmo como um distanciamento do que seria mais tradicional. No entanto, para o povo Pataxó esse processo é compreendido como um aprimoramento, uma aproximação maior com a sua tradição e a sua cultura. As equipes, de acordo com as suas concepções, buscam apresentar-se com o que seria mais Pataxó, valorizando cada vez mais o uso de adereços produzidos com matérias-primas naturais.

As equipes que participam dos jogos em Coroa Vermelha são, em sua maioria, da própria aldeia, tendo a participação também de outras aldeias, com mais frequência das que estão mais próximas, tais como Aldeia Velha, Nova Coroa, Juerana e Aruera. Isso varia a cada ano. Em 2010, por exemplo, estiveram participando equipes da aldeia Boca da Mata, já em 2012 não veio ninguém das aldeias mais distantes, só participando equipes das aldeias próximas a Coroa Vermelha. Em anos anteriores participaram também equipes formadas por tupinambás e pataxós-hã-hã-hãe. As equipes de Coroa Vermelha geralmente são formadas por jovens que fazem parte de um mesmo âmbito de convívio, como, por exemplo, a equipe da escola, a equipe da Jaqueira e a equipe do Museu Indígena. Há outras, formadas por laços de amizade, nas quais geralmente se concentra um número maior de componentes de uma mesma família.

Algumas equipes que participam, há muito tempo, dos jogos conservam o mesmo nome desde o início, como por exemplo, a equipe Torotê (está), a Jõpek(fogo) e a Kijetxawê (escola) que, assim como as demais, têm denominações em Patxohã. A cada ano os membros mudam, mas acaba sempre conservando alguns participantes ou a maioria, tendo sempre um suposto organizador responsável pela equipe, uma pessoa física ou às vezes institucional, como a Kijetxawê, que é a equipe da escola de Coroa Vermelha.



O número de participantes nas equipes varia de 25 a 35 pessoas, sem contar a participação em peso das crianças que, embora não participem das modalidades, estão ativamente envolvidas nos Jogos, principalmente na torcida. E, assim como seus pais, elas usam também os seus tupisay, seguindo o padrão dos adereços usados pela equipe, como exemplifica a figura 14.

Figura 14 – Equipe participante dos Jogos Pataxó de Coroa Vermelha. Autora Arissana Braz Bomfim de Souza

Em 2009, chegou até a ser realizada uma edição dos jogos das crianças, mas nos anos seguintes não foi mais possível mantê-la. Um dos organizadores disse que ficou “muito puxado” para a equipe organizadora preparar os jogos das crianças e dos adultos um logo depois do outro, no mês de abril.

A questão da padronização dos adereços é muito comum e visível em cada equipe, pois procuram distinguir os membros de suas equipes umas das outras. E embora todas as equipes participantes dos jogos façam uso de adereços pataxós, a variedade existente proporciona às equipes se diferenciarem entre si. Geralmente padronizam mais os cocares, os bustiês e os cintos. No que se refere à tanga, todos usam a de estopa. Os outros acessórios, tais como brincos, braceletes e colares são mais livres, de acordo com o gosto de cada pessoa. Há equipes que padronizam também até esses pequenos acessórios. Loro, um dos organizadores da equipe Torotê, diz que faz questão de fazer todos os adereços, até mesmo os brincos.

E como todas as equipes usam a tanga de biriba e colares de sementes, procuram de outra maneira se diferenciar das demais com outros detalhes, como a escolha de uma determinada cor para as penas dos cocares, um determinado tipo de cinto, de bracelete, sempre diferenciando as mulheres dos homens. Por outro lado, a padronização dos adereços da equipe não só proporciona beleza ao grupo como demonstra organização e preparação antecipada dos adereços: para se apresentarem todos “iguais” é necessário antecedência nos preparos, o que é muito comum entre as equipes da aldeia Coroa Vermelha.

Geralmente, quando outras aldeias participam pela primeira vez, sempre vêm um pouco despreparadas, com poucos adereços e reduzida padronização, mas ao chegarem e constatarem a organização e dedicação das outras equipes, motivam-se e procuram aproximar-se do padrão vigente.. Uma participante da equipe da Aldeia Boca da Mata relatou a sua experiência de participante pela primeira vez:

“Mandaram o convite pra gente , aí como agente nunca tinha participado aí agente veio, tava um pouco desprevenido sem traje, assim só com tanga e cocar, nem era todos que tinha, tinhas uns de uma cor outros de outra, aí esse ano agente veio também, arrumou a equipe e veio. E fez os cocar assim , das mulheres de uma cor , só os homens que ficou faltando[...]”. (Aurilene da Aldeia Boca da mata durante jogos pataxó em Coroa Vermelha, Abril de 2010)

Quando me referi aos jogos como um dos momentos mais propícios para as inovações, considerei o fato de as equipes, comumente, elaborarem adereços novos para usar durante os jogos. Ao assim procederem, acrescentam sempre algo diferente, mostrando a “novidade” só no dia da abertura”, que constitui uma espécie de estreia. A Reserva Pataxó da Jaqueira, por exemplo, desde os jogos de 2010 introduziu o uso do bustiê de piaçava, portado desde então só por membros de sua equipe. A equipe Torotê, por exemplo, estreou, nos jogos de 2009, um cocar que tem o mesmo formato do cocar aberto com penas e tranças de aricuri, só que no lugar em que costumam colocar pena, o novo modelo adiciona a taboa e vem sendo usado pela equipe até os dias atuais (veja as figuras a seguir).



Figura 15- Cocar Pataxó feito de taboa. Jogos Pataxó de Coroa Vermelha, abril de 2010. Autora Arissana Braz Bomfim de Souza



Figura 16- Loro (Aratibaia) com cocar de taboa, Coroa Vermelha 2011. Autora Arissana Braz Bomfim de Souza

Loro, autor da novidade, disse que, estando diante da dificuldade de encontrar penas para fazer os cocares, a taboa foi uma alternativa mais ecológica, já que ela se desenvolve muito rapidamente. A taboa já foi usada antes, no lugar das penas, em outros modelos de cocares, só que agora ela é adaptada ao modelo mais novo do cocar Pataxó, que é o cocar com a trança de aricuri na frente, tecido com linhas de crochê.

O interessante nos jogos é que o evento mobiliza toda a aldeia, principalmente com a preparação dos adereços que, geralmente, começa semanas antes, com no mínimo um mês de antecedência e, como nem todas as pessoas têm o domínio dessa produção, no decorrer desse período os artesãos mantêm-se sobrecarregados com as encomendas, os preços também se elevam e o “kaimbá” circula entre os Pataxó.

A experiência dos Jogos Pataxó de Coroa tornou-se um sucesso entre os Pataxó e atualmente é referência para outras aldeias e também para o trabalho desenvolvido nas escolas. Certas escolas Pataxó passaram a realizar os jogos com a participação das crianças, já que estas não participam das modalidades dos Jogos de Coroa Vermelhas, pois as competições são

exclusivamente para jovens e adultos. Outras aldeias, em suas festas e comemorações, já estão realizando também jogos internos, como é o caso da Aldeia Velha. Porto Seguro também está realizando, atualmente, os Jogos, no mês de abril.

2.4 O USO DOS ADEREÇOS PATAXÓ

Como vimos nos capítulos anteriores, os adereços sempre fizeram parte da vida dos Pataxó, conforme testemunha a memória oral dos mais velhos. Esse hábito prosseguiu sendo transmitido de geração à geração, tanto nos planos da produção como do uso. E mesmo com a modernidade chegando às aldeias, o frequente contato com os não índios e com as cidades, o hábito do uso dos adereços não se enfraqueceu, mas ao contrário se fortaleceu com o passar dos anos, sendo muito valorizado pelos Pataxó. Daí o motivo para tanto primor na produção dos adereços, no presente.

Entre outros fatores suponho que a escola teve uma forte influência para a valorização do uso dos adereços, principalmente para a geração mais nova. Denilta (25 anos), professora da aldeia Tibá, afirma que foi através da escola que ela teve a oportunidade de usá-los. Quando ainda morava em Barra Velha, via o pessoal dançando o awê com seus adereços, achava bonito e se perguntava: “Oh! meu Deus que dia que é que eu vou ter uma roupa dessa pra mim tá junto com esses índio, né?.” Quando ela iniciou os estudos, os professores incentivavam o uso da “roupa indígena” e, em um determinado momento, foi solicitado aos alunos que preparassem os seus adereços, pois iriam participar de um awê. Foi com essa motivação que Denilta fez sua primeira tanga. Ela relembra, com orgulho, essa experiência:

Eu mesmo aprendi a fazer meus adereços quando eu tinha uns 11 anos [...] Minha mãe num fazia não, quem fazia era meus colega da escola, eu via assim fazendo né, aí eu cheguei em casa peguei o facão fui no brejo tirei a taboa e fiz. Meu pai ajudou desfiar a taboa, aí eu fiz a tanga. [...] fiz minha tanga pra participar de um awê que teve em Barra Velha no dia 19 de Abril. (Denilta, Cumuruxatiba, fevereiro de 2011)

Quando perguntei a Loro (41 anos) sobre o uso dos adereços quando era criança, suas lembranças também remeteram à escola, que fazia uma espécie de gincana envolvendo várias

atividades, dentre as quais destacou uma tarefa que era a de trazer a maior mandioca. Para participar da gincana, os alunos deveriam estar trajados, e foi assim que muitos se empenharam em produzir seus próprios adereços.

Atualmente a escola continua sendo um grande aliado para essa valorização do uso dos adereços entre jovens e crianças, pois além das atividades desenvolvidas na semana de 19 de Abril, ao longo do ano ela sempre promove eventos que dão aos alunos oportunidade de usar as suas tangas, valorizando a cultura Pataxó.

Além da escola, presentemente há, na maioria das aldeias, os grupos de cultura formados por jovens que frequentemente se reúnem para “hamiá”. Esses grupos têm como objetivo não só fortalecer a cultura como a identidade do povo Pataxó, permitindo aos jovens o contato com o awê e o uso dos adereços, para que cresçam com o orgulho de ser Pataxó, e mais tarde não tenham vergonha de “colocar seu tupisay”²¹

Fatores externos também contribuem para esse uso, pois percebo que a imagem do Índio cobrada, “lá fora”, pelo povo brasileiro, como aquele indivíduo seminu, que vive adornado com seus cocares e distante da “civilização”, acaba refletindo na vida de alguns indivíduos que costumam sair das aldeias indígenas, principalmente para participar de eventos e vender artesanatos. De certa maneira, o uso dos adereços, por ocasião da venda, além de chamar a atenção do cliente para a origem da mercadoria, acaba por valorizar mais o produto que é vendido, pois distingue a mercadoria como indígena. Nas viagens que os Pataxó fazem, são “aplaudidos” por essa indumentária, o que incentiva o seu uso, principalmente em ambientes externos à aldeia, ou em locais em que precisam ser notados ou distinguidos como indígenas. Cheguei até a ouvir, em Coroa Vermelha, algumas críticas em relação a um índio Pataxó da mesma aldeia que costuma fazer uso constante dos seus adereços fora e até viajar de tanga, mas não os usa na aldeia. Essa imagem repercute entre alguns pataxós, pois não é raro alguns terem sua identidade questionada pelos não índios tão somente por não portarem seus adereços. E provavelmente para não deixar dúvidas, muitos recorrem ao seu uso, constantemente, em ambientes externos. Mas por que esse fato acontece? Isso parece demonstrar que, lá fora, em meio aos não índios, ele quer ser distinguido, enquanto que na aldeia prescinde dessa distinção e reconhecimento, pois todos já sabem que ele é um Pataxó.

²¹ Embora tupisay, na língua patxohã, signifique tanga, essa expressão é muito usada para referir ao uso dos adereços, incluindo tanga, cocar e os outros acessórios.

Os adereços Pataxó são usados, hoje, em diversos ambientes e para as mais diversas finalidades, o que depende muito de quem usa e do contexto de sua vida pessoal e familiar. São mais usados nas festas que acontecem nas aldeias, em encontros e eventos dentro e também fora da aldeia, em movimentos de manifestação e reivindicação, e também quando comercializam artesanatos. Os Pataxó usam-nos para participar do awê na comunidade, para representar, e também para chamar a atenção, dando visibilidade à sua identidade indígena, pois em um ambiente cercado por não índios os adereços identificam o indivíduo como pertencente a um povo indígena, assim como em um grupo onde haja outros povos, seja possível distinguir um Pataxó pelos seus adereços, embora outros povos indígenas na Bahia estejam aderindo ao uso de alguns dos adereços Pataxó, tais como a tanga de biriba e o uso dos cocares. Mas ainda assim, é possível identificar um Pataxó, considerando o conjunto dos outros adereços, principalmente os colares.

Os adereços são usados pela maioria dos Pataxó e em diversas ocasiões, embora haja pessoas que raramente os usam ou não costumem usar em momento algum. Conversando com uma jovem Pataxó que costuma vender gamelas e petisqueiras nas praias do Arraial D’Ajuda, ela disse que não usa a tanga. Quando sai para vender, vai de “roupa normal”, não gosta de usar:

Eu já cresci assim já bem (risos) diferente das minhas irmãs(...) elas já é mais assim po lado de tá vestindo tanga, tá participando de jogos e eu não, sou mais moderna igual meus irmão, eles também não gosta de vestir assim, traje de índio não. [...] eu já usei uma vez pa participar dum jogos indígenas aí, (risos) mas já tem tempo já, só foi uma vez só também.

Embora não use os adereços Pataxó quando sai para comercializar, ela acredita que aqueles que os usam têm mais vantagens, nessas circunstâncias:

... por que eis tão trajado eu acho que os turista acha que eles são índio e agente que num trajado não é índio e pode vender mais do que agente que num tá trajado de índio. Mas muitas vez nem é o próprio índio que vai vestido de índio né. É gente que nem é índio, é branco que vesti de índio e vai pra praia e agente que é índio e que num gosta de se vestir e aí fica assim. Muitas vez o branco ganha mais do que agente que é índio.

O povo Pataxó, como é sabido, é fruto de muitos contatos interétnicos, no entanto, todos sabem distinguir quem é índio e quem não o é, bem como quem é casado com índio. Esse último, em alguns casos, com o passar do tempo, acabam aderindo ao uso do *tupisay* e participando também de algumas atividades culturais, embora nem sempre essa prática seja

bem vista por todos. Há também algumas pessoas que já convivem há bastante tempo na aldeia, e acabaram sendo “adotadas” pelos Pataxó como membro da comunidade, e que também, sem qualquer resistência, fazem uso dos adereços.

Conversando com um pataxó muito conhecido por atuar na valorização cultural Pataxó, ele disse que não gosta mais de vestir a tanga devido a alguns fatos que vêm ocorrendo em relação à banalização da identidade indígena, e revela que antes éramos muito discriminados, concluindo que “hoje em dia todo mundo quer ser índio”. E foi assistindo aos Jogos Pataxó de Porto Seguro em sua companhia que, ao ver um não índio usando a tanga de estopa sobre os ombros, ele reagiu, indignado, afirmando sentir revolta e desgosto com aquela cena, do mesmo modo que se sente muito feliz ao ver um Pataxó usando seu *tupisay*. Constatado, assim, que uma das atitudes mais ofensivas à identidade pataxó é um não índio usar um *tupisay* e autoidentificar-se como pataxó. Talvez a grande questão não esteja em um não índio usar o *tupisay*, pois não são poucos os turistas que, ao visitarem Coroa se trajem como os Pataxó, mas no fato de o simples uso ter por meta apresentar-se como um Pataxó.

O turismo na região também desencadeia uma forte convivência dos não índios com os adereços pataxós, no entanto os mais vendidos nas lojas de artesanato não são os usados pelos Pataxó em suas atividades culturais. Os trajes feitos para venda consistem, majoritariamente, em um conjunto com cinco peças: uma tanga de taboa, um bracelete, uma tornozeleira com trança de aricuri e penas, um cocar pequeno tipo coroinha, e um colar, geralmente de juerana, enfeitado com três “mongoches” de pena presas por outra semente. Mas é possível encontrar para venda também os mesmos adereços usados pelos Pataxó em suas atividades culturais, porém por um preço mais alto. Esses não são vendidos como um conjunto, mas como peças separadas que podem ser encontradas em algumas lojas indígenas. Para quem não pode comprar nenhum adereço ou o conjunto da tanga, cabe a opção abaixo, como mostra a figura 17:



Figura 17- Loja do Parque Indígena, Coroa Vermelha 2011. Autora Arissana Braz Bomfim de Souza

Como já citado, o uso dos adereços Pataxó também está sendo compartilhando por outros povos da Bahia, principalmente Pataxó-Hã-hã-hãe e Tupinambá. O uso da tanga de biribae o cocar são as mais visíveis apropriações destes dois povos, no entanto não houve ainda uma apropriação generalizada, mas tão somente o uso por um indivíduo ou outro. Essa tendência pode se ampliar, já que alguns Pataxó recebem constantemente encomendas desses adereços por parte destes povos. Loro observou que ao terminar os jogos de 2010, recebeu dos Tupinambás encomendas de cocares, tanto de pena quanto de taboa.

De uma maneira geral, não há restrições ao uso dos adereços entre os Pataxó, que costumam por crianças, adultos, homens e mulheres. Há, sim, restrições a adereços produzidos exclusivamente para determinado sexo, como, por exemplo, um tipo específico de cocar, ou o uso de determinada cor, embora a grande parte dos adereços Pataxó seja usada, igualmente, por homens e mulheres.

É importante notar que algumas pessoas na comunidade usam seus adornos com mais frequência que outras, em razão de costumarem participar de mais atividades dentro e também fora da aldeia, usualmente saindo para reuniões, encontros, etc. Aquelas que fazem parte dos grupos de cultura costumam, do mesmo modo, usar com mais frequência os adereços do que as demais pessoas da comunidade, pois é comum se reunirem para fazer apresentações, seja nas aldeias ou fora delas, quando são convidados.

Há outros grupos que costumam também se reunir para preparar os deslocamentos para a venda de artesanato em outras cidades e estados, onde participam de feiras, dentre outros eventos, que possibilitem essa prática, fazendo uso dos adornos nos lugares frequentados. Trata-se de grupos constituídos entre pessoas com maior afinidade social ou, na maioria das vezes, entre membros de uma mesma família. Geralmente não costumam padronizar os adereços, ou seja, exigir do grupo o uso de um cocar de determinados modelo ou cores, facultando-se cada um levar o que tenha em casa.

Os grupos de cultura geralmente tendem a padronizar os adereços usados por seus membros, escolhendo um determinado tipo de cocar, bustiê e certas cores para serem aplicadas aos cocares. Denilta observou que o grupo de cultura da aldeia Tibá usa dois cocares com cores distintas, às vezes cocares vermelhos, outras vezes brancos.

Outra questão muito importante é o que se usa, pois, como já vimos, há uma variedade de adereços corporais e pessoas que não usam o traje completo. A depender do ambiente, usa-se o que se acha conveniente. O traje a que estou referindo como completo seria composto pela tanga, cocar e bustiê, complementado ou não por pulseiras, colares, tornozeleiras e cintos. Há pessoas que fazem uso de determinados adereços de sua escolha, por exemplo, apenas o cocar, ou colares e brincos. Esse hábito de usar apenas um ou dois adereços, não completando o traje, é muito comum em eventos externos à aldeia de cunho mais político e não cultural, como, por exemplo, reuniões de lideranças, reuniões para discussão de propostas governamentais ou até mesmo no cotidiano, quando o mais comum é o uso de brincos, pulseiras, presilhas de cabelo e colares.

Ao observar as aldeias visitadas e membros de diversas aldeias pataxó em alguns encontros e reuniões do movimento indígena dos quais participei, percebi que a mesma variedade no uso dos adereços que ocorre em Coroa Vermelha se estende às outras aldeias, ou seja, não há

padronização relacionada à pertinência a uma determinada aldeia, cada um, pelo contrário, usando o que gosta e ao seu modo, exceto quando participam dos jogos em Coroa Vermelha. Essa variedade a que refiro talvez não seja tão perceptível, tendo em vista que a maioria dos pataxós usa tangas confeccionadas da mesma matéria- prima, colares de sementes, majoritariamente, sendo, em geral, os pequenos detalhes, nos modelos e nas cores, que dão a impressão de multiplicidade. Alguns, por outro lado, usam as tangas mais curtas, outros cocares com tranças na frente, e há quem não use nem uns, nem outros.

Em Coroa Vermelha é mais frequente encontrarmos, em dias comuns, pessoas trajadas com seus adereços do que em outras aldeias Pataxó. Isso porque, conforme já assinalado, essa aldeia constitui um local relevante de venda. Cabe ressaltar, assim, que o uso dos adereços pelos Pataxó não é diário, embora haja pessoas que os usam, para trabalhar, diariamente, como as crianças e jovens que vendem artesanato na praia, assim como os guias mirins que trabalham no Museu Indígena. Há também os casos dos trabalhos de ecoturismo e etnoturismo desenvolvidos em algumas aldeias, a exemplo do trabalho desenvolvido pelos Pataxó nas Reservas da Jaqueira e da Aldeia Velha. A Reserva da Jaqueira, por exemplo, fica aberta para o turismo de segunda a sexta, dias nos quais as pessoas que lá trabalham usam seus trajes.

Outras iniciativas de etnoturismo também já começaram em outras aldeias Pataxó, tais como em Barra Velha e Aldeia Tibá, porém essas não são tão frequentadas como as Reservas da Jaqueira e Aldeia Velha, por isso o uso dos adereços não é diário. O filho de Zabelê explicou que quando algum grupo quer visitar a Aldeia Tibá, eles fixam um valor a ser pago pelo grupo, recepcionam os visitantes com seus trajes, preparam alguma comida, peixe, cauim, beiju e apresentam o Awê.

3- “A ARANHA VIVE DO QUE TECE”



3.1 “PRA GENTE NUNCA ESQUECER O QUE NOSSOS PAIS DEIXARO...”

Como vimos nos capítulos anteriores, foi repassando de pai para filho, que tanto a produção quanto o uso dos adereços Pataxó foram preservados até os dias atuais. A família exerceu um papel importante no que se refere ao uso e aprendizagem dos adereços entre as crianças. E os mais velhos, assim como no passado, continuam sendo mestres, assim como um referencial para os mais jovens; são geralmente os avós, os pais ou mesmo outro familiar mais próximo. Cristiane, professora da aldeia Cahy, conta que, quando estava na faixa de sete a oito anos, sua avó Zabelê começou a incentivar a produção e o uso dos adereços entre filhos e netos.

“Quando foi um dia ela falou assim... amanhã eu vou fazer um cauim, um peixe na patioba, e vocês vão vim pra cá que eu vou fazer uma dança lá no quintal ... Aí quando foi no outro dia a gente ansioso, fui pra lá. Chegou, Zabelê já tava com um prato de semente lá no chão né, agulha, aí começou a ensinar a gente fazer, pegar na agulha. Ela falava isso aqui que é artesanato de índio, vocês tem que fazer isso aqui, pra gente nunca esquecer o que nossos pais deixaro pra gente, aí começou a ensinar. Eu comecei a fazer através desse ensino de Zabelê ... ela começou a ensinar a dança também pra gente, aí vei a gente começar a confeccionar os nossos adereços, a tanga, ela levava agente pra den’ da lagoa pra tirar taboa, botava a gente pra fazer o nosso próprio cocar.” (Cristiane , Cumuruxatiba, Março de 2011)

Cristiane atualmente é professora da Escola Indígena Kijetxawê Zabelê²², coordena o grupo de cultura da aldeia Cahy e, seguindo o exemplo de Zabelê, confecciona os adereços juntamente com os jovens do grupo, para incentivá-los e ensiná-los, tendo também a ajuda do esposo, da mãe e do cacique da aldeia.

Anderson, da aldeia Tibá, afirma que com sua avó Zabelê também aprendeu a fazer a maioria dos adereços que confecciona, hoje: colar, brinco, pulseira e o cocar tipo coroinha usado mais pelas mulheres. Assim, baseado nos adereços que já produz e em sua habilidade no uso das matérias-primas, não tem dificuldade de aprender a confeccionar outros adereços. Foi assim que aprendeu a fazer o cocar de duas tranças elaborado e lançado em Coroa Vermelha: “[...] já aprendi sozinho mermo, peguei a base do outo e fui. Na verdade eu comprei um em Coroa Vermelha e desse eu comecei a olhar”. É desse modo que muitos Pataxó também aprendem, observando e reproduzindo um determinado adereço, sem necessariamente ter alguém

²² A Escola Kijetxawê Zabelê, com sede na Aldeia Tibá, está distribuída em seis núcleos localizados em aldeias e extensões, na região de Cumuruxatiba. São elas: Aldeia Tibá, Pequi, Cahy, Maturembá (extensão da Tibá), Alegria Nova e Monte Dourado.

intermediando o processo.

Há também outros contextos que favorecem tanto a aprendizagem, quanto a troca de adereços entre os Pataxó. Estou referindo aos encontros, reuniões, cursos e até as retomadas. Voltairis, da aldeia Pequi, relata que aprendeu a fazer muitos adereços com seu avô, inclusive a tanga da biriba, no entanto aprendeu a fazer o cocar “numa época de uma retomada lá nos eucalipto, ali perto do Guaxuma”.

[...] já aprendi com um parente lá da aldeia Guaxuma né, eu vi ele fazendo ele tava ensinando lá agente, aí eu aprendi o processo. Assim, com ele lá eu aprendi só o processo de tá amarrando as pena né no barbante. Aí, já aprendi a colocar na trança os bordado com os parente de Coroa Vermelha.

Por outro lado, foi com Gilson, professor da escola indígena Pataxó Vermelha, que concluiu o aprendizado:

[...] foi quando ele tava no Magistério ele trazia pra fazer [...] “quando tava com algum tempo que ia pros seus apartamentos ficava fazendo. E eu com curiosidade ficava olhando ali, até mesmo perguntava alguma coisa a ele passava informação pra mim”

Assim, aprender a fazer os adereços é um dos primeiros passos de um processo de constituição da arte Pataxó, que está intimamente associado com a história e a memória dos mais velhos e com o processo de socialização dos mais jovens, em estreita convivência com os demais, notadamente com os mais velhos. O exemplo de Zabelê, acima apresentado, é bem eloquente: convocou os netos para lhes transmitir a tradição artesanal. Mas não se tratou de uma transmissão pura e simples: ela preparou um ambiente ritual – Awé, cauim e peixe na patioba – no interior do qual ocorreu a transmissão, prática (agulhas, sementes e linhas) e teórica (à medida que ensinava a confeccionar os colares, lembrava como havia sido o seu aprendizado, exortando-os a não esquecerem o legado dos mais velhos. A mesma atitude foi observada em relação ao ritual Awê, ao cauim e ao peixe).

Outros aspectos importantes dessa cadeia estão nas diversas formas em que se apresentam,, no uso das matérias-primas, na relação com a ecologia local e na maneira como os artefatos circulam entre as aldeias e além delas, conforme a seguir, começando por um pequeno painel da sua variedade.

3.2 QUAIS ADEREÇOS SÃO FEITOS PELOS PATAXÓ?

Seguindo as figuras abaixo, veremos um pouco da variedade dos adereços produzidos pelos Pataxó nos dias atuais. São tangas, cocares, colares, dentre outros. São muitos e não daria para apresentar, neste espaço, todos os modelos neste espaço. Por isso escolhi alguns dos mais comuns entre os que são produzidos.



Figura 18 – TANGA DE BIRIBA OU ESTOPA. 2012. Autora Arissana Braz Bomfim de Souza



Figura 19- TANGA DE TABOA exposta para venda. 2011 Autora Arissana Braz Bomfim de Souza

A tanga ou *tupisay*²³ é uma espécie de saia feita com fibras soltas amarradas a uma corda que envolve a cintura. Não há muita variedade, tendo em vista que é feita apenas de duas matérias-primas diferentes, ambas de origem vegetal, como mostram as figuras 20 e 21. . As diferenças mais perceptíveis estão relacionadas ao tamanho, pois há pessoas que gostam e usam as mais, abaixo dos joelhos, e há outras que as usam mais curtas, acima dos joelhos. A tanga da biriba é macia e maleável; a tanga de taboa já não é tão flexível assim. A segunda é a mais comprada pelos turistas, sendo vendida acompanhada por um colar, um cocar, um bracelete e uma tornozeleira. Um conjunto que pode ser encontrado com penas de diversas cores.

²³ Palavra em patxohã usada para tanga ou roupa.

O cocar é um adereço usado na cabeça, confeccionado com penas apoiadas em uma trama, geralmente feita com a palha de uma palmeira conhecida como aricuri. Mas é possível encontrar outros materiais usados nessa produção, como a taboa que está substituindo as penas em alguns modelos de cocares, como podemos ver nas figuras 25 e 26. Os cocares são dos adereços que mais apresentam variação, mediante pequenos detalhes que são percebidos principalmente na combinação das cores das penas e nos grafismos tecidos nas tranças que sustentam as penas ou outro material componente, como vemos nas figuras seguintes:



Figura 20. Pataxó da aldeia Coroa Vermelha durante jogos indígenas nacionais, em Tocantins 2011. Autora Arissana Braz Bomfim de Souza



Figura 21- Pataxó durante jogos indígenas nacionais 2011. Autora Arissana Braz Bomfim de Souza



Figura 22 - Pataxó da aldeia Pé do Monte durante jogos indígenas nacionais em Tocantins, 2011. Autora Arissana Braz Bomfim de Souza



Figura 23 - Oiti com cocar de taboa, jogos Pataxó, Coroa Vermelha 2010. Autora Arissana Braz Bomfim de Souza



Figura 24- Cocar de taboa, Jogos Pataxó 2012. Autora Arissana Braz Bomfim de Souza

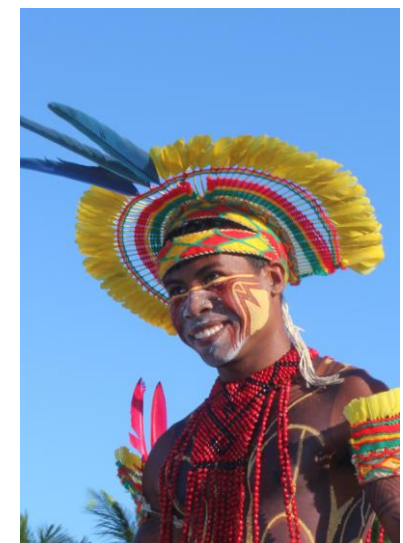


Figura 25- Pedro com cocar que tem aberturas entre as penas feito por Gilson, 2012. Autora Arissana Braz Bomfim de Souza



Figura 26- Jovem Pataxó, durante participação dos jogos nacionais em Tocantins, 2011.
Arissana Braz Bomfim de Souza



Figura 27- Jovem pataxó durante desfile da ihé baixú nos jogos Pataxó de Coroa Vermelha 2012
Arissana Braz Bomfim de Souza



Figura 28- Jovem pataxó com cocar de taboa, durante desfile da ihé baixú nos jogos Pataxó de Coroa Vermelha 2012
Arissana Braz Bomfim de Souza

As figuras acima permitem perceber que as mulheres também usam cocares grandes, muito similares aos cocares masculinos, mas o que é mais comum entre elas é o uso dos cocares tipo coroinha, que podem ser usados com a parte das penas para baixo ou para cima. Alguns possuem, na parte traseira, trás linhas enfeitadas com penas. A variedade desse tipo de cocar se faz mais pelas cores das penas, algumas das quais são penas de galinha caipira, tal como na figura 32: esses preservam a cor natural das penas, ao passo que outros são feitos com penas de galinhas de granja, passíveis de serem encontrados em várias cores, como nas figuras, em que as penas são tingidas com anilina.



FIGURA 29: Meruka Pataxó, durante participação nos jogos nacionais em Tocantins, em 2011 -Autora Arissana Braz



Figura 30- Mulher Pataxó, jogos Pataxó de Coroa Vermelha, 2010 Arissana Braz Bomfim de Souza



Figura 31- Núbia. Jogos Pataxó de Coroa Vermelha, 2010 Arissana Braz Bomfim de Souza



Figura 32- Dona Zabelê durante semana pedagógica dos professores em Cumuruxatiba, 2011. Arissana Braz Bomfim de Souza

Com relação aos colares, se levarmos em consideração as cores, a variedade e a disposição das sementes, podemos considerar que são incontáveis os modelos em circulação.

Os colares produzidos para a venda (figura 33) são mais simples que os colares usados para enfeitar os corpos indígenas em dia especiais (figuras 34, 35 e 36). O colar é a peça final na composição dos adereços, usado geralmente em volta do pescoço, mas é muito comum os Pataxó portarem grandes colares que passam pelo pescoço, dando uma volta ao redor do braço. Agora também é possível encontrarmos grandes colares que além de terem uma volta que passa ao redor do pescoço, também se alongam e passam por debaixo dos braços, como mostra a figura 34. Podemos dizer que esses são modelos mais novos, confeccionados mais para uso dos pataxós, sendo mais comercializado internamente.

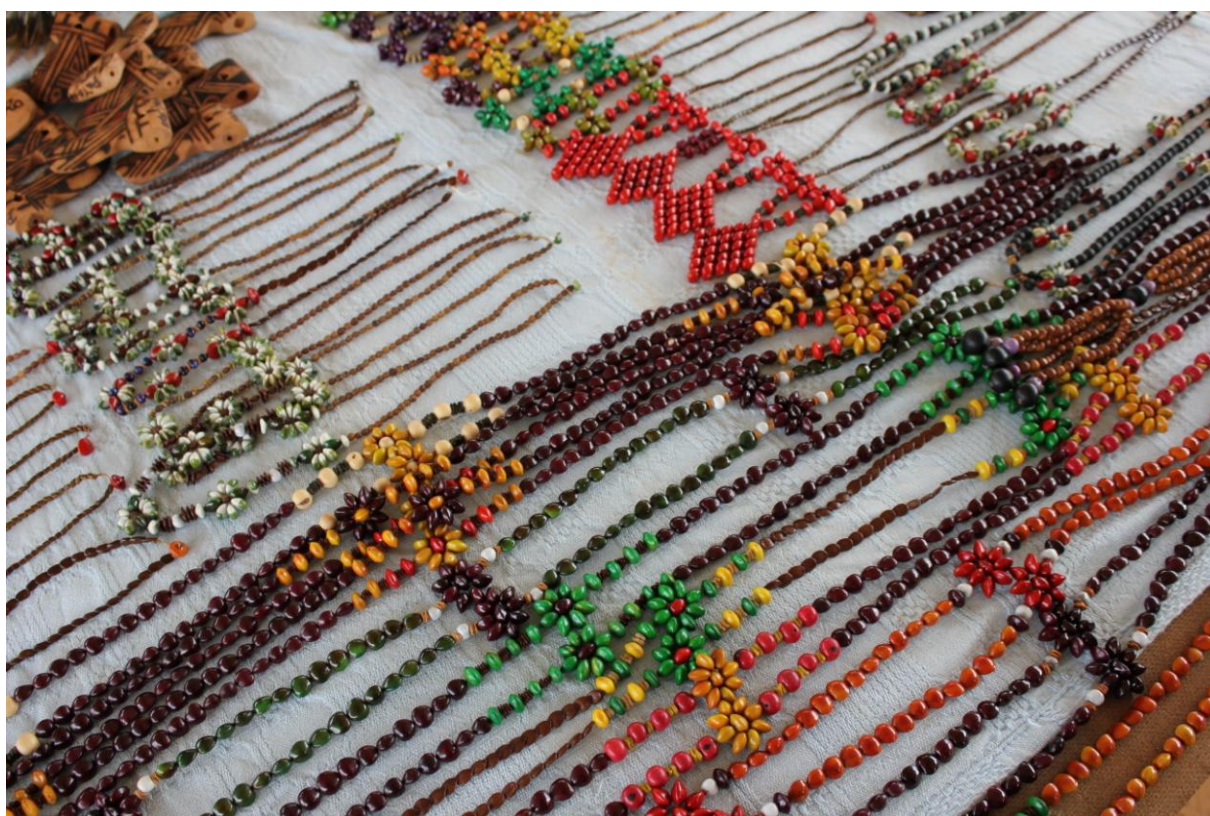


FIGURA 33: Colares pataxó feitos de diversas sementes expostos em uma mesa para venda, 2011



FIGURA 34: Colar Pataxó que envolve o pescoço e passa debaixo dos braços, 2012.



FIGURA 35: Colar pataxó feito de tento sendo usada por uma mulher. 2012



FIGURA 36: Colar Pataxó feito de tento usado por um homem, 2012

Outro adereço que ultimamente tem ganhado espaço entre os Pataxó é o cinto, que pode ser usado tanto por homens quanto por mulheres. Os Pataxó já faziam os uso do cinto no passado, porém o seu uso se intensificou no presente. Atualmente pode ser encontrado em diversos modelos e também com uma variedade de matéria-prima, geralmente as mesma usadas em outros adereços. Geralmente são feitos de sementes, linhas de crochê, fios de lã, alguns trazem penas nas pontas.



Figura 37 – cinto feito de sementes(tento ou pau-brasil como alguns denominam)



Figura 38- cinto feito com a trança do aricuri, enfeitado com sementes e penas. Com detalhes de piaçava.



Figura 39- cinto de sementes (tento e milagre) com detalhes de coco nas pontas.



Figura 40 - cinto feito com fios de lã.

3.3. QUEM PRODUZ OS ADEREÇOS?

Os adereços são feitos por homens, mulheres e crianças. A maioria é produzida por adultos, mas as crianças também participam das atividades, acompanhando os pais, mesmo que brincando. Os mais produzidos pelas crianças são os colares. As mulheres se destacam na produção de peças menores, tais como os colares, brincos, pulseiras, cintos, tornozeleiras, braceletes e cocares femininos. Os homens se destacam na produção dos cocares masculinos e das tangas, porém é importante ressaltar que esse destaque na produção por determinado sexo e faixa etária não limita à produção dos adereços, pois também encontramos mulheres que produzem cocares e tangas, assim como há homens que se esmeram na produção de adereços confeccionados predominantemente pelas mulheres, como os colares. Por isso não há predominância de regras, mas sim o desenvolvimento de habilidades para a confecção de determinados adornos, considerados também os fatores relacionados à extração da matéria prima e ao ensino transmitido pela família.

Durante as visitas que fiz às aldeias, durante a pesquisa de campo, tive a oportunidade de conhecer pessoas que se dedicam à produção de adereços, dentre as quais Dona Senhorinha, da Aldeia Trevo do Parque. Quando a visitei, por exemplo, ela estava a produzir uma tanga de estopa, o que não é uma atividade comum entre as mulheres, talvez devido à dificuldade de extração do que chamamos “pano da estopa”. Apesar dessa dificuldade, em outras aldeias, algumas mulheres também tecem a tanga, mesmo que na maioria dos casos sejam os homens

os extratores da fibra.

Ao se considerar a variedade de adereços e matérias-primas empregadas, conclui-se que há muita gente envolvida com essa produção. No que concerne aos brincos, braceletes, pulseiras e cintos há sempre um número maior de pessoas que dominam a sua manufatura. Nesses casos, geralmente essas pessoas têm essa atividade como principal fonte de renda, tal como ocorre com a família de Ecleides, residente em Coroa Vermelha. Ela ajuda a sua mãe na produção dos conjuntos das tangas de taboa²⁴ e outros adereços menores, tais como colares, presilhas, etc. Outras famílias e indivíduos, mesmo tendo outras formas de sustento ou profissão, também fazem adereços para vender ou para, eventualmente, o próprio uso, como nos exemplos do professor Gilson, que dá Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha, que nos intervalos das aulas encontra tempo para confeccionar alguns cocares; e de Anderson, neto de Zabelê, que não tem na produção de adereços sua fonte principal de renda, mas produz cocares sempre que recebe alguma encomenda. Voltairis, professor de Patxohã da Aldeia Pequi, também se encaixa nessa situação. Meu pai, Wilson, dedica-se diariamente à produção de cocares, que minha mãe exhibe na loja do comércio indígena, para vender aos turistas, mas se aparece algum índio querendo comprar, ele vende, não obstante por um preço bem mais baixo, principalmente quando é para o índio revender.

Muitas pessoas dominam a produção de determinados adereços e conhecem as matérias-primas, pois produzem constantemente; outros, muito raramente se dedicam à atividade; e finalmente há quem já tenha produzido muito, tendo interrompido em um determinado tempo. São pessoas que sabem fazer, mas não fazem. Podemos dizer que o número de pessoas que sabem fazer é bem maior se comparado ao dos produtores regulares. Há ainda quem tenha certa habilidade para produzir um determinado adereço, ou que saiba produzir variados, mas que prefere se dedicar apenas a alguns tipos, evidenciando tendência a uma certa especialização.

Em algumas aldeias se concentra uma maior produção de determinados adereços. Esse fato se deve, muitas vezes, à disponibilidade de matéria-prima encontrada em cada lugar. Coroa Vermelha, por exemplo, concentra a produção de cocares devido à maior facilidade de encontrar as penas, que são compradas ou adquiridas gratuitamente nas granjas. Em Barra

²⁴ Conjunto de tanga de taboa é um kit composto por um cocar, um colar, um bracelete, uma tornozeleira e uma tanga, todos enfeitados com penas de galinha de granja tingidas. Pode ser encontrado de diversas cores

Velha concentra-se a maior produção de colares, devido à grande variedade de sementes encontrada na aldeia e à habilidade das mulheres.

As famílias que têm como principal fonte de subsistência a produção de adereços tendem a variar a produção para incrementar as vendas. A manufatura de determinados produtos tem grande influência na família, uma espécie de aprendizado que podemos considerar como uma herança familiar. Em Coroa Vermelha, Ecleides ajuda a sua mãe na produção de uma variedade de objetos, dentre os quais a zarabatana²⁵, jogo de arco e flecha²⁶, presilhas, palito de cabelo e os conjuntos de tanga, como já mencionado. Quando lhe perguntei se sua mãe fazia adereços há muito tempo, ela respondeu que Benedita Sena já nasceu fazendo, fazia desde quando morava na Aldeia Trevo do Parque, pois aprendera com Dona Tereza, sua avó. Ecleides diz que, no momento, sua avó não produz mais, pois agora vive da aposentadoria, contudo seus tios, que moram na Aldeia Trevo do Parque, constantemente vêm à Coroa Vermelha fazer entrega desses mesmos produtos que ela e sua mãe confeccionam.

3.4. MATÉRIAS-PRIMAS USADAS

Tal como relatado no primeiro capítulo, os Pataxó sempre usufruíram da extração de vegetais para a produção de diversos objetos, tanto para uso pessoal quanto doméstico, fruto da transmissão de saberes de pai para filho, de avós para os netos. Daí que os adereços pataxó, ainda nos dias atuais, sejam confeccionados a partir da extração de matérias-primas naturais.

Os materiais utilizados para a produção dos adereços são diversos. E, embora os Pataxó agreguem também materiais industrializados, não deixaram de utilizar as tradicionais matérias primas utilizadas no passado, dentre as quais a trança do aricuri, a taboa, a estopa, as sementes e as penas.

Dentre os novos materiais que têm ganhado espaço na produção dos adereços, estão as linhas

²⁵ Feita de taboca, uma espécie de cano natural, a zarabatana é um arma de sopro acompanhada com pequenas flechas usada, hoje, por alguns povos indígenas para abater pássaros.

²⁶ Um kit feito pra venda composto por um pequeno arco, um bajaú com algumas flechas e uma pequena lança de pati.

de lã e de crochê, usadas principalmente nos bustiês e dos cintos, o que possibilita a combinação com as cores dos cocares, como podemos observar nas fotos:



FIGURA 41: Jovens Pataxó durante a festa do Araguaksã, Reserva da Jaqueira 2010. Autora Arissana Braz



FIGURA 42: Jovens Pataxó durante a festa do Araguaksã, Reserva da Jaqueira 2010. Autora Arissana Braz

O material empregado na produção dos adereços vem de vários lugares. Cada aldeia, por sua vez, possui diferentes fontes de coleta e obtenção de materiais. Em Coroa Vermelha os Pataxó de outras aldeias conseguem alguns materiais, principalmente a trança feita da palha do aricuri, usada para confeccionar os cocares. Entretanto, a trança encontrada em Coroa Vermelha não é produzida pelos índios, mas compradas junto aos regionais e revendidas em suas lojas de artesanato.

No século XX, a produção da trança do aricuri era muito comum, feita tanto por homens e mulheres, usada para produzir chapéus e cocares. Atualmente poucas pessoas ainda tecem a trança do aricuri. Dentre as aldeias que visitei, tive a oportunidade de encontrar duas senhoras, em aldeias diferentes, que ainda teciam a palha do aricuri para fazer tranças, vendidas na própria aldeia: Dona Zabelê, na aldeia Tibá, e Dona Senhorinha, na aldeia Pé do Monte que, por coincidência, aprendeu com Zabelê. Mas não é raro encontrarmos pessoas, por todas as aldeias, que fazem referência à trança, usando a seguinte frase: “minha vó fazia”. Hoje em dia, embora saibam fazer, muitos velhos já não produzem mais, e eu suponho que a dificuldade de encontrar a matéria-prima esteja influenciando nesse sentido, bem como a comodidade de encontrar já pronta essa trança por um baixo custo não desperta na nova geração o interesse em aprender. Voltairis, da Aldeia Pequi, afirma que comprava na mão de sua prima, que comercializava as tranças no comércio indígena em Coroa Vermelha. Por sua

vez, Cristiane, da Aldeia Cay, e Anderson, da Aldeia Tibá, dizem que compram trança em Coroa, mas também compravam de Zabelê, quando ela tinha em estoque.

Quando estive na Aldeia Tibá tive a oportunidade de comprar um rolo da trança feita por Dona Zabelê, que observou que seu filho tinha conseguido as palhas com muita dificuldade: “Aqui tá difícil, menina, quais num tem não, o pessoal chegaro aí, cabaro com tudo, essas palha que fiz aí a gente pegou lá no... Onde cê pegou?” perguntou, dirigindo-se ao seu filho que participava da conversa.

“Lá no Moreira. É na beira da praia só que a maioria já é tudo pousada, só que a gente procura, tem aqueles lotes que ainda tá sem construir é onde agente tira um pouco, já no ponto da falese também [...] a gente pega, tem um pedaço lá agente vai tirando. O lugar de pousada que eles tem a propriedade mesmos, eles num deixa tirar não”. (Zabelê, Aldeia Tibá, Março de 2011).

Muitas vezes são esses e outros fatores que acabam interferindo na produção dos adereços Pataxó, levando-os a recorrer até mesmo a materiais industrializados para suprir a falta da matéria-prima.

As linhas de tucum, anteriormente usadas para produzir os colares, há alguns anos foram substituídas pelas linhas enceradas, industrializadas, à semelhança de fios de plástico encerados. Não foi possível descobrir se o motivo dessa nova utilização foi a escassez do tucum na região ou a facilidade de acesso às linhas industrializadas. Suponho que os dois fatores possam estar influenciando, já que a confecção da corda de tucum é um pouco complexa. Muitos índios devem saber prepará-la, mas a facilidade de comprar uma corda já pronta, faz com que o tucum entre em desuso. Em Coroa Vermelha, por exemplo, sei que não há ninguém que trabalhe com a produção ou venda dessa corda, embora tenha gente que saiba fazer. Suponho que a última pessoa que morava em Coroa e que produzia a corda de tucum, tanto para vender quanto para fazer os seus colares, era Dona Rosário, embora em pequenas quantidades. Da sua produção adquiri algumas cordas de tucum para fazer algumas pulseiras: ela vendia os fios do tamanho correspondente à feitura de um colar.

Hoje, em Coroa, quando queremos confeccionar um colar, vamos ao armarinho comprar um rolo de linha encerada. Essa prática também se repete em outras aldeias Pataxó.

Como vimos anteriormente, para driblar a escassez de matéria-prima, os Pataxó recorrem até

mesmo a outros espaços externos às aldeias. Loro, que costuma fazer os cocares para os jogos, diz que há dois pontos em que a população de Cora Vermelha coleta a taboa, localizados em áreas externas, um próximo a um bairro conhecido como “Casinhas”, e o outro na estrada que liga Coroa Vermelha a Porto Seguro, próximo a uma praia conhecida como Ponta Grande, onde pode ser encontrada em maior abundância.

Uma alternativa encontrada por alguns Pataxó para manter o estoque de penas em casa é a criação de aves, como galinhas e patos. Naiara, que mora em Coroa Vermelha, cria, em um cercado no fundo de sua casa, alguns patos de plumagem branca e, sempre que necessita, retira penas deles. Na preparação dos adereços para os Jogos pude presenciar essa cena, pois minhas irmãs precisavam de penas para a produção dos cintos e as obtive através de Naiara, que as retirou dos seus patos, sem precisar abatê-los.

3.5 COMO SE FAZ

Cada adereço produzido pelos Pataxó demanda um dado lapso de tempo para a sua elaboração, pois o ato de fazer o objeto constitui parte de um longo processo que vai desde a extração, coleta ou compra da matéria-prima, que pode ser simples, mas em geral é bem complexo.

Para a confecção dos colares gasta-se um bom tempo no preparo das sementes para deixá-las no ponto certo, considerando-se que cada uma delas tem uma propriedade particular que interfere nesse preparo. Por exemplo, é necessário saber o tempo certo em que a semente está pronta para ser colhida, de modo que mais tarde ela não venha a murchar. Outro fator que vale destacar é que nem todas as sementes podem ser encontradas ao longo do ano, o que quer dizer que a confecção dos colares acompanha o ciclo da natureza. Podemos, assim, encontrar uma abundante quantidade de colares de uma determinada semente em algumas épocas do ano. A produção de cada adereço é, pois, limitada também à matéria-prima disponível.

No caso dos cocares grandes, por exemplo, é necessário reunir uma boa quantidade de penas. E quando essas são compradas ou obtidas nas granjas, vêm sujas, tendo que ser lavadas e, na

sequência, tingidas e selecionadas somente as maiores, geralmente as penas da asa. Um aspecto importante na produção desses cocares maiores, ao qual é necessário atentar, é a curvatura natural que as penas têm, i.e., por serem da asa, possuem curvaturas para a direita e para a esquerda. É preciso, então, atentar para as penas que serão dispostas dos dois lados, de modo a observar a inclinação natural de cada uma. A produção do cocar inicia-se, basicamente, dispondo-se as penas em uma única corda, que unirá todas as penas pelo bico, ou seja, pela parte em que não há plumagem, mas apenas o “talo”. Em seguida, deve-se passar uma linha na metade de cada pena, costurando-se uma na outra, para que o cocar se mantenha firme. Nesse ponto já temos um cocar simples. Agora é só fixá-lo na trança do aricuri, depois colocar mais uma trança para apoiar na frente, possibilitando que o cocar fique mais aberto.

Como podemos perceber, a produção de um adereço Pataxó não se limita apenas ao processo de montagem ou tecimento da peça, mas compreende desde a extração da matéria-prima, que pode requerer maior ou menos esforço do produtor na dependência da localização mais próxima ou distante. Voltairis, anteriormente referido, conta, com detalhes, como é o processo de confecção de uma tanga de biriba:

Pra fazer uma tanga é o seguinte: tem que primeiro fazer uma inxó que é de madeira, tem que ser uma madeira resistente pra que ela não possa pocar ou aliás lasca na hora de tá batendo lá na madeira. A melhor é feita de braúna. Depois da inxó pronta aí sim que vai pra mata. Tem que encontrar a biriba que é uma madeira. Você tem que encontrar ela bem certinha, ela com alguns caroços ou aliás nós, ela não presta, não serve.

Dependendo do local, por que tem biriba as vez que tá num local lá embaixo no barranco, num buqueirão que a gente fala, já tem outras que fica na chã em cima. Quando ela é na chã agente pode ficar no chão mesmo, mas quando é lá no brejo, tem fazer um jurá pra poder a gente subir e tirar.. [...] Se for pra criança você tira de uns quatro palmo, agora se for pra adulto é mais uns dez palmos. E aí tem um processo que a biriba é o seguinte se for tirar ela com facão, ela não sai a fibra assim tipo macia, se for de facão ela sai assim tipo uma casca. A inxó serve pra isso, pra ela ir machucando a madeira pra ir saindo as fibra mole, ir fofando. E a partir de que tira lá, aí sim, traga pra casa e deixa ela um pouquinho no sol para poder secar um pouco. Se for fazer molhado acaba manchando a roupa, até mesmo a nóida na sua mão ela acaba deixando. E aí depois de seca é só desfiar ela, tem uma parte tipo da casca que ela fica ruim e não serve, então a parte de dentro que é a fibra macia aí que serve pra tecer a tanga. É antigamente os pessoal usava é imbira pra poder tecer, mas hoje agente usa fio de barbante, corda mesmo.

3.6 COMERCIALIZAÇÃO DOS ADEREÇOS

Os adereços produzidos são vendidos tanto para pessoas da própria aldeia quanto para pessoas de fora, normalmente turistas. Há, no entanto, uma diferença: quando a venda é para o próprio parente, o preço é mais baixo; quando é para turistas, ele é aumentado. O preço para revenda também é mais em conta. Anderson, da Aldeia Tibá, comentou que para os parentes ele vende um cocar grande a trinta reais e para os turistas ele pede até cento e cinquenta reais, sendo o preço mínimo setenta reais.

As famílias que se dedicam à produção artesanal em Coroa Vermelha vendem no atacado e varejo, tanto para os comerciantes indígenas, quanto para os não indígenas. Ecleides, porém, diz que os conjuntos de tangas que ela e sua mãe confeccionam, dificilmente vendem a varejo, e no atacado transacionam mais para comerciantes externos, entre os quais um comerciante de Porto Seguro e outro de Trancoso.

Nem todas as famílias que estão envolvidas com a produção e venda possuem lojas na área do Parque Indígena, o que se deve a vários fatores: alguns nunca ganharam loja; outros ganharam e, passado certo tempo, venderam; e outros, por não terem condições de manter a loja recebida, alugaram-na, para garantir, assim, um valor fixo mensalmente. Por outro lado, nem todas as pessoas que têm um ponto de venda no comércio indígena, produzem o que vendem, ou seja, a maioria compra de outros índios que se dedicam mais à produção. E aqueles que produzem um determinado adereço e têm loja, sempre colocam outros produtos para venda, de modo a garantirem alguma venda diária, facultando ao turista interessar-se e comprar um artigo ou outro.

Dos adereços Pataxó, os que mais são comprados pelos não índios são os colares, havendo também uma grande demanda por objetos menores, tais como brincos, palitos de cabelo e prisílias. Barra Velha, fonte da produção de colares, fornece para as outras aldeias que, por sua vez, vendem em Coroa Vermelha, em grosso, para os comerciantes do Parque e para os Pataxó da região de Cumuruxatiba.

Com relação às tangas e cocares, os mais comprados pelos não índios são os conjuntos já

citados anteriormente, que por serem compostos de um cocar mais simples e tanga de taboa são bem mais baratos do que uma tanga de estopa e um cocar maior. Esses jogos podem ser encontrados nas lojas do Parque Indígena, assim como entre os índios que vendem nas praias de Coroa e da região de Porto Seguro. Na Passarela do Álcool, em Porto Seguro, já é possível encontrar aproximadamente três barracas que vendem esses conjuntos.

A comercialização dos adereços Pataxó está estreitamente ligada à venda de outros objetos produzidos por esse povo. E que se estende a vários espaços, pois sendo uma atividade que rege a economia da maioria das aldeias, “obriga” os Pataxó a se deslocarem, com frequência, para garantir a sua sobrevivência. São vendidos na própria aldeia, nas praias da região do extremo Sul da Bahia, principalmente aquelas que ficam mais próximas das aldeias Pataxó, como as praias de Caraíva, Trancoso, Arraial D’Ajuda, Coroa Vermelha, Porto Seguro, Prado e Cumuruxatiba. As vendas nas praias são mais frequentes no verão, pois há um fluxo maior de turistas na região. Durante o inverno, a alternativa é recorrer a lugares mais distantes, mediante a participação em feiras de artesanato e eventos que permitem a comercialização. Mas ainda assim essas oportunidades não são para todos, já que poucas são as famílias que reúnem as condições para custear a viagem, o que submete muitas delas, na maioria dos meses do ano, a uma situação de grave restrição econômica, principalmente em Coroa Vermelha, local em que as famílias dependem quase que exclusivamente da venda desses materiais.

3.7 UMA TEIA QUE SE TECE

Embora o povo Pataxó seja um povo grande, disperso territorialmente em várias aldeias, há um fluxo constante entre essas, em decorrência de vários fatores, sejam visitas esporádicas a familiares, seja à migração de famílias entre as aldeias, seja ainda o deslocamento para compra e venda de artesanato. Esses laços constantes entre os pataxós permitem que os adereços circulem, possibilitando que determinadas aldeias, que detêm a fabricação de um tipo específico de adereço, ofereçam o seu produto a outras, aumentando o seu campo de produção e venda. Em Coroa, atualmente, por exemplo, é muito difícil encontrar alguém que confeccione a tanga de biriba, embora haja pessoas que saibam fazer, como já mencionado. Mas em decorrência da escassez da matéria-prima já compram prontas, de revendedores

indígenas que as adquirem de outras aldeias, como Mata Medonha e Juerana.

Os laços de parentesco têm grande influência sobre a circulação dos adereços, pois, em muitos casos, são os primos e tios, moradores em outras aldeias, que permitem o trajeto, tanto da matéria prima quanto dos adereços já prontos. Coroa Vermelha é a aldeia que concentra o maior número de famílias Pataxó e entre essas há sempre algumas dispersas por outras aldeias. Isso faz com que ela funcione como o elo com a maioria das aldeias Pataxó, formando uma grande teia, o que assegura que a dinâmica de criação artística muito desenvolvidas entre os Pataxó de Coroa Vermelha também cheguem às outras aldeias Pataxó.

As redes que entrelaçam as aldeias Pataxó através da circulação dos adereços -- similarmente ao que Bronislaw Malinowski registrou nas Ilhas Trobriand (1984), na Nova Guiné, através do Kula, o intercâmbio ritual ao longo do qual os colares de conchas vermelhas denominados *souvala* circulavam no sentido horário desse círculo e, na direção oposta (anti-horário), os braceletes confeccionados de conchas brancas, os *mwali* -- ultrapassam as fronteiras da Bahia, estendendo-se aos Pataxó de Minas Gerais. Voltairis, muitas vezes mencionado nesta dissertação, recebeu uma encomenda externa, para fazer uns vinte e cinco cocares, mas devido à falta de matéria prima, no caso as penas, não pode atendê-la.

Em relação aos Pataxó que moram nas aldeias do estado de Minas Gerais percebemos que seus adereços estão bem conectados com a dinâmica promovida pelos Pataxó da Bahia. Por terem uma forte sentimento de pertença ao lugar de onde saíram (Barra Velha), os Pataxó ali estabelecidos mantêm relação também através dos adereços que, na Bahia, são usados, dado interessante e demonstrativo de que nem as fronteiras territoriais nem a distância impede a circulação dos adereços, o que assegura uma unidade, ou como poderíamos dizer, um padrão Pataxó. Mas, cabe ressaltar que, não obstante perceba-se a tendência à criação de um padrão, não prevalecem constrangimentos com esse fim, o padrão ou a unidade se constituindo a partir da imagem de uma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 1989, p.14), que perpassa territórios distintos e distantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as evidências apresentadas nesta dissertação, suponho podermos concluir que os adereços aqui tratados fazem parte de um processo que está estreitamente ligado à identidade étnica do povo Pataxó, e que resulta de uma trama tecida ao longo de muitos anos, e que está, como sempre esteve, fortemente vinculada à história deste povo, através da memória oral, da relação com o território, e dos conhecimentos transmitidos dos mais velhos aos mais novos, sucessivamente. Tal processo tem favorecido à juventude de hoje maior aproximação com a cultura Pataxó, ensejando, desse modo, que ela não se distancie de suas raízes, mesmo vivendo numa relação tão próxima com os não índios.

As inovações identificadas nos adereços atualmente confeccionados, embora pareçam, ao observador estrangeiro, não guardar relação com o passado, têm, efetivamente, grande afinidade com este, pois, ainda que agreguem novos materiais e novos modelos, prosseguem sendo sustentados no conhecimento dos antigos, principalmente no que se refere ao uso das matérias-primas. Assim, mesmo que, eventualmente, alguns mais velhos não se reconheçam nessa criação artística, eles se fazem presentes. Ainda que afirmem:” isso não é Pataxó”, “no meu tempo não era assim”, os adereços contemporaneamente confeccionados decorrem do ensino por eles transmitido: se não tivessem transferido aos seus filhos e netos o modo de extração da biriba, e, reciprocamente, se esses não tivessem manifestado interesse em aprender, a manufatura da tanga hoje usada provavelmente ter-se-ia perdido, ou se afastado das características que permitem referir a um padrão pataxó. Não fossem a resistência que os fez permanecer enquanto um povo distinto, não obstante acolhendo as inovações introduzidas pela modernidade e pela dinâmica cultural local, e a persistência em transmitir os modos de fazer, apreciar e sentir que constituem a cultura Pataxó, talvez as novas gerações não expressassem tanto orgulho de pôr o seu *tupisay* e por se autoidentificarem como Pataxó.

Consideremos, pois, que a arte Pataxó faz parte de um grande movimento de fortalecimento e valorização da identidade Pataxó, que está estreitamente relacionado também à língua e ao reconhecimento da sabedoria dos mais velhos. Portanto, trata-se de um processo coletivo em que, ao tempo em que se destaca no contexto interétnico, o povo Pataxó se torna também referência para outros povos indígenas.

Suponho, finalmente, que através dos três capítulos que estruturam a dissertação, o leitor tenha sido bem introduzido no universo dos adereços corporais Pataxó. E que as evidências

etnográficas apresentadas tenham sido suficientes para demonstrar que esses adereços, ademais do seu valor artístico, constituem um significativo núcleo da identidade étnica deste povo.

Referências :

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

ANDERSON, Benedict. *Nação e nacionalismos*. São Paulo: Ática, 1989.

ARRUTI, José Maurício. *Etnogênese Indígenas*. Povos Indígenas do Brasil 2001/2005- Instituto socioambiental. 2006 p.50-54.

BARBOSA, Wallace de Deus. *GLOBALIZAÇÃO e ETNOGÊNESE : Os 'Novos' Índios do Nordeste e sua Arte*. CONCINNITAS - Revista do Instituto de Artes da UERJ / Número 1, ano 1, Agosto/Dezembro 1998. Acessível em:
<http://www.concinnitas.uerj.br/resumos1/wallace.pdf>

BARTH, Fredrik. 1998. *Grupos Étnicos e suas Fronteiras*. IN P. Poutignat e Jocelyne Streiffe-Fenart. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP. P. 185-227.

CARVALHO, Maria Rosário de. *Os Pataxó de Barra Velha: seu subsistema econômico*, Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas), Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1977.

CASTRO, Maria Soledad maroca de. *A Reserva da Jaqueira: o passado e o presente das tradições*. Dissertação(Mestrado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, Brasília, 2008

_____, *O Monte Pascoal, os índios Pataxó e a luta pelo reconhecimento étnico*. CADERNO CRH, Salvador, v. 22, n. 57, p. 507-521, Set./Dez. 2009.

CESAR, América Lúcia Silva. *Lições de Abril: construção de autoria entre os Pataxó de Coroa Vermelha*. 2002. 197 f. Tese (Doutorado em Língua Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CUNHA, Rejane Cristine Santana. *O fogo de 51: reminiscências Pataxó*. 2010. 146 f.

GRUNEWALD, Rodrigo de Azeredo. *“Os índios do descobrimento. Tradição e turismo”*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2001.

HALL, Stuart. *Quem precisa da identidade? In. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis: Vozes, 2000.

LAGROU, E. *Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas*. IN: Proa – Revista de Antropologia e Arte [on-line]. Ano 02, vol.01, n. 02, nov. 2010. Disponível

em: <http://www.ifch.unicamp.br/proa/DebatesII/elslagrou.html>.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

OLIVEIRA, Cornélio Vieira. “*Barra Velha. O último refúgio*”. 1985.

OLIVEIRA, Roberto C. de . “*Os (des)caminhos da identidade*”. *RBCS*, v.15, n.42, 2000, pp.07-21.

PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. *Amixokori, Pataxó Monoxó, Kumanoxó, Kutaxó, Kutatoi, Maxakali, Malali e Makoni: Povos Indígenas Diferenciados ou Subgrupos de uma mesma nação? Uma proposta de Reflexão*. In: *Revista do Museu de Arqueologia Etnologia*, 4. São Paulo, MAE, 1994.

PROFESSORES PATAXÓ DO ESTREMO SUL DA BAHIA(Org.). *Uma História de Resistência*. Salvador: Associação Nacional de Ação Indigenista: CESE, 2007.

SAMPAIO, José Augusto L. *Breve História da Presença Indígena no Extremo Sul Baiano e a Questão do Território Pataxó de Monte Pascoal* IN: Espírito Santo, M. (Org.) *Política Indigenista Leste e Nordeste Brasileiros*. Ministério da Justiça/Funai, Brasília, 2.000

SILVA, Aretuza Cruz. *O massacre de 1951 e a resistência dos Pataxó meridionais*. Monografia (Licenciatura em História) Universidade Estadual da Bahia. Teixeira de Freitas, 2010

WIED-NEUWIED, M. *Viagem ao Brasil*. Tradução de Edgar Mendonça e Flávio Figueiredo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

APÊNDICES

FONTES ORAIS

Anderson Souza Ferreira, 29 anos. Entrevistado em janeiro de 2011 em Cumuruxatiba –BA

Aurilene Boca da Mata. Entrevistada em abril de 2010, na Aldeia Coroa Vermelha

Antônio Braz . 89 anos. Entrevistado em julho de 2010, na Aldeia Barra Velha.

Benedito da Conceição Braz – Uaratibaia (Loro) entrevistado em 11 de março de 2011, em Coroa Vermelha.

Luciana Ferreira - Dona Zabelê 77 anos. Entrevistada em julho de 2010, na Aldeia Tibá-Cumuruxatiba/ Prado.

Antônio Máximo, 89 anos. Entrevistado em março de 2011, na Aldeia Pequi, Cumuruxatiba.

Manuel Santana, 86. Entrevistado agosto de 2010, na Aldeia Boca da Mata.

Izabel Ferreira. Entrevistada em agosto de 2010, na Aldeia Coroa Vermelha.

Sebastião Ferreira Guedes- Jequitibá, 70 anos. Entrevistado em março de 2011, na Aldeia Coroa Vermelha.

Cristiane Maria de Oliveira-Jandaia, 33 anos, Aldeia Cay. Entrevistada em Cumuruxatiba – Ba, março de 2011.

Ananias. Entrevistado em janeiro de 2011, na Aldeia Barra Velha.

Voltairis- Irisnan Pataxó. Entrevistado em Fevereiro de 2011, na Aldeia Pequi.

Denilta Santana Nascimento- Aldeia Tibá. Entrevistada em Fevereiro de 2011. Em Cumuruxatiba.

Rosa Braz. Entrevistada em Julho de 2010, na Aldeia Águas Belas.

Seu Edivaldo. Entrevistado em janeiro de 2011, na Aldeia Pé do Monte.

ANEXOS

